

A LUTA É PELA VIDA!

parte II



escritos
anarquistas
sobre
capitalismo,
pandemia
e a luta
pela vida II

abril

2020

apresentação.....p.5

texto sem nome

periódico anarquia

liber lucta - región uruguay

22 março 2020.....p.8

paradoxos contemporâneos

periódico anarquia - región uruguay

4 abril 2020.....p.10

para além da calamidade

camila jourdan

território dominado pelo estado brasileiro

25 março 2020.....p.15

nos limites do mundo

camila jourdan

território dominado pelo estado brasileiro

abril 2020.....p.21

guerra e pandemia: produção de um inimigo invisível

contra a vida livre

acácio augusto

território dominado pelo estado brasileiro

31 março 2020.....p.27

análise sobre o contexto biopolítico mundial a partir do
coronavírus

espiral ácrata - território dominado

pelo estado chileno

25 março 2020.....p.37

perspectiva anárquica frente à pandemia - coronavírus texto anônimo território dominado pelo estado chileno primeira quinzena de março 2020.....	p.47
água e sabão para o monopólio da violência periódicx gatx negrx 1 abril 2020.....	p.51
greve de aluguéis? - uma análise estratégica das greves de aluguéis ao longo da história - e agora. editorial segadores e collectiu bauma região catalã adaptado por crimethinc 8 abril 2020.....	p.56
sobre pandemias, repressão e apoio mútuo assembleia anarquista autoconvocada bahía de quintil (valparaíso) território dominado pelo estado chileno 27 março 2020.....	p.90
a revolta desde a pandemia texto anônimo buenos aires 22 março 2020.....	p.94

apresentação

É com imensa satisfação que trazemos a SEGUNDA parte desta compilação de textos anarquistas sobre *pandemia, capitalismo e a luta pela vida*. Assim como no primeiro tomo, os textos aqui reunidos foram escritos por grupos, associações e pessoas presentes em diferentes territórios. Contudo, como a pandemia teve maior expansão inicial nas terras conhecidas como China, Europa e América do Norte, o tomo UM focou nos estudos produzidos nessas localidades. Com o avanço do novo coronavírus para o *sul*, anarquistas dessas regiões escreveram análises, narraram acontecimentos e experimentaram propor ações coletivas a serem levadas a cabo por diferentes grupos libertários, “não como um programa, mas como uma *conspiração*”.

Os textos aqui compilados tratam dos efeitos da pandemia a partir de diferentes pontos. Entre eles estão o modo pelo qual os Estados e as sociedades nacionais lançam mão mais uma vez da ideia de inimigo comum para se fortalecer e validar suas ações, independentemente de quanto sangue escorre pelas mãos de seus policiais, militares e políticos. A metáfora militar de guerra ao vírus induz a noção de que as principais forças que devem ser mobilizadas são as de segurança, polícias e exércitos, para combater tal inimigo. Inimigo este que é invisível, disseminado por corpos de pessoas. Logo, com a mobilização estatal de combater o vírus, todas as pessoas se tornam um potencial inimigo, passíveis de serem presas, espancadas e assassinadas em nome da salvação da espécie, da vida biológica. Mas sabemos: nem todo sabão e água do planeta conseguirão limpar o sangue que escorre das fardas.

Com o argumento de combater a pandemia, os Estados buscam defender a vida biológica, a humanidade, que ao universalizar nossas

existências, cria uma abstração sobre nossos corpos e, com isso, expandem o controle em meios abertos e fechados. Aplicam leis e decretos, empregam a polícia e as forças armadas para restringir a circulação das pessoas. Junto ao capitalismo, que é indissociável do Estado, tentam manter a sensação de uma exceção temporária, de que este mundo não está caindo sobre suas cabeças, que tudo voltará ao normal, que tudo vai passar. Contudo, o que é esse “normal”? Uma vida de miséria, de exploração, de submissão, de extermínio. Os governantes, estatais e privados, mostram com isso o quanto temem a revolta das pessoas exploradas, insubmissas e alvos de seu extermínio.

Por isso, anarquistas em diferentes partes do planeta, sobretudo ao sul, explicitam que “não queremos voltar ao normal, pois o problema é a normalidade!”. Nos governam pelo medo e por meio de ameaças. Eles nos temem e sabem que somos uma ameaça a sua normalidade. Medo da morte, medo de que este mundo de produção capitalista, onde vamos da casa para o emprego e do emprego para casa (quando se tem um emprego e uma casa, obviamente). Num fluxo interminável de exploração, de mortificação de nossas vidas. Entendemos que nós não vivemos para servir a ninguém, nem ao Estado, nem às empresas, nem a Deus, nem ao patrão, nem ao marido; a ninguém! Não queremos mais uma vida de miséria, onde nossa existência se restrinja ao biológico, não queremos mais sermos governadas pelo medo, porque não queremos mais ser governados! Não aceitamos suas ameaças!

Compas da região uruguaia explicitam como o isolamento obrigatório acaba também por silenciar uma série de violências por sobre o corpo de mulheres e crianças feitas principalmente por *pais e maridos*, e o efeito do fato de existirem poucas iniciativas de (auto)defesa dessas pessoas expostas a este tipo de situação. O pouco

estímulo às práticas de apoio mútuo ou, em muitos casos, o desconhecimento de tais iniciativas, acaba por levar algumas dessas pessoas que foram violentadas a recorrerem a uma segunda violação: a polícia, exames de corpo de delito (que muitas vezes funcionam como um segundo estupro), inquérito, delações etc., alimentando o Estado e o seu braço armado.

Além disso, nesta publicação, são retomados momentos históricos para repensarmos as práticas de resistência frente à atual situação, como as greves de alugueiros, fortalecimento de laços de interação, grupos de afinidade, expropriações, ocupações, entre outros.

Por fim, saudamos as iniciativas individuais e coletivas de autocuidado para enfrentarmos a pandemia, para nos fortalecermos, não porque tememos o fim deste mundo, mas para acelerar sua queda, sua ruína. Quando as iniciativas têm como base a ação direta, o antiautoritarismo, o Estado perde, pouco a pouco. Seu monopólio ruína nas mãos de cada pessoa, que junto de companheiras, toma sua vida nas próprias mãos.

Que esse momento nos sirva para começarmos a pensar em questões pouco debatidas entre anarquistas, como práticas de saúde antiautoritária e autocuidado, vinculadas diretamente ao apoio mútuo. Como afirma um texto anônimo publicado em Buenos Aires, “que a quarentena fortaleça nossa ânsia de liberdade e reafirme nossa negação de toda autoridade!”

Saúde e liberdade!

texto sem nome
periódico anarquia
región uruguaya
por liber lucha
22 março 2020

Em meio a uma pandemia de escala mundial sem precedentes, se torna complicado analisar a situação com clareza e sem preconceitos criados pelo aparato midiático, mas é quando mais vemos a necessidade de fazer este esforço. Nas últimas semanas nos vimos afetados por um bombardeio midiático enorme, vozes acomodadas chamando a todos para que ficassem em casa e se isolassem completamente, que essa seria a solução, e outras chamando a manter a rotina de exploração como se nada. Todas vozes provenientes dos setores hegemônicos, do Estado e seus funcionários. Por isso, devemos tomar um tempo de criar nossa própria interpretação dos fatos, de considerar a seriedade do assunto sem ficar imobilizados por uma ordem do *papai* Estado.

Assim como a “peste negra” no século XIV se corresponde com a ampliação do comércio segundo o interesse dos poderosos, a aparição do coronavírus não é um fato isolado das relações capitalistas, se não que o próprio sistema de miséria e devastação promove as enfermidades em geral; a péssima qualidade de vida nas metrópoles, o desmatamento, a comida envenenada e de laboratório... a saúde é um problema de classe. Por outro lado, se investigamos um pouco sobre como essa “parada” da produção a nível mundial tem limpado significativamente os ecossistemas, podemos reconhecer quem nos estava levando ao colapso, já que as mega indústrias se viram obrigadas a congelar a atividade e estão dando um descanso ao

meio ambiente. Esperamos que com o panorama atual se explicita que os poderosos são os responsáveis da destruição da vida animal e humana.

A cotidianidade significa perigo de morte constante para os explorados, e isso não pela nova pandemia, se não pelo vírus do capitalismo que é o problema medular. Todo o tempo correndo atrás de um ideal de bem-estar, ou simplesmente atrás de um prato de comida, faz que muitas vezes nos atoplemos, e nesses tropeços existe sofrimento, doença e morte. Então, o erro reside em separar o plano econômico do plano bio-psico-social, quando eles estão estreitamente ligados. A realidade já se caia aos pedaços, porque vivemos anestesiados em meio a uma guerra.

Cada vez que o sistema vai mal, existe uma oportunidade de instalar a semente da transformação, não vamos perder os reflexos justamente agora, é preciso reagir. O que sobra de tudo isso pode ser um impacto econômico e social grande, então nossas expectativas de mudar tudo devem ser enormes. A necessidade faz com que a gente se una mais, saia da bolha e reconheça nossa dependência do sistema para começar a superá-lo. A chispa de solidariedade já faz seus primeiros brilhos na região, é preciso seguir fazendo e pensando, sem perder de vista o nosso inimigo.

Se defendemos a vida, então lutamos contra o capital, já que suas estruturas estão moribundas, envelhecidas, e falta nosso golpe para derrubá-las de uma vez por todas.

paradoxos
contemporâneos
periódico anarquia
región uruguaya
4 abril 2020

a solidariedade tensiona os limites do isolamento e da morte como denominadores comuns em várias questões da vida

Assistimos ao fim de uma era. Essa afirmação foi escrita em vários textos, mas neste caso não é uma análise abstrata, mas algo que se pode perceber em todos os sentidos. A realidade tal como a conhecemos não existirá mais e não porque nós tenhamos chegado a um acordo sobre a necessidade de mudar tudo, mas pelo simples fato de que é impossível seguir com nossas vidas em meio à paranoia, o medo e o controle.

A economia treme ou nos fazem crer nisso. E a conclusão é que somos sempre xs mesmxs, que devemos fazer um esforço para salvar o sistema, um sistema perverso que nos mantém como uma presa de seus jogos maquiavélicos.

Respeitar a quarentena e conseqüentemente perder a capacidade de gerar nosso sustento básico (como o alimento ou a moradia) é a melhor ideia que nos apresentam para solucionar essa confusão e quando não cumprida, quando nos permitimos socializar e gerar redes de apoio, somos considerados irresponsáveis. Nestas semanas pudemos ver como o controle desmedido sobre a conduta faz com que as mesmas pessoas presas pela quarentena se indignem ao ver outras fora de casa. Rotulando-as de potenciais assassinas seriais, recorrendo a velha e insultuosa culpa e culpabilização.

Sentimentos dos mais repugnantes, quase burlescos em um sistema que encoraja o “salve-se quem puder”, a meritocracia ou a tão mencionada “resiliência”, como formas de sobreviver aos embates da vida.

Agora o próprio Estado nos exige que cuidemos de nós mesmxxs, mas com uma pequena trapaça. Se cuidar passa a ser colaborar com a polícia para controlar que xs vizinhxs cumpram com as decisões das pessoas encarregadas do poder. Assim é como se esvazia o conteúdo dos conceitos (como solidariedade e responsabilidade individual e coletiva) e os transformam em funcionais à suas estratégias de controle. Não existe solidariedade e cuidado responsável quando a diretiva é se isolar em sua casa e olhar com medo e desconfiadx para quem se atreve a não cumprir com o estabelecido.

Nesse sentido, cabe explicitar algumas situações que se tensionam ainda mais a partir deste contexto, como as de violência e abuso dentro de casa. Quantas são as mulheres obrigadas a se manter isoladas com seu agressor? Quantas crianças e adolescentes com seu violador? Não é um exagero a afirmação do aumento de casos de violência intrafamiliar durante a quarentena. O isolamento forçado, a precarização da vida, a impossibilidade de suprir suas necessidades e de se sustentar economicamente, geram frustração e recrudescem a violência que o agressor exerce sobre a mulher, adolescente e crianças em casa. Assim como dificultam até quase a impossibilidade de sustentar ou criar redes e estratégias de fuga dessas situações (como podem ser casas de vizinhxs ou familiares). Se o grande aliado das situações de violência no âmbito doméstico são a invisibilidade e a indiferença, em tempos de quarentena e #Mequedoencasa (#fiqueemcasa), elas só podem aumentar.

Frente a isso, são várias as pessoas bem intencionadas que brindam como solução os números da polícia e dos serviços de

atenção telefônica do Ministério (do Interior). A questão é a seguinte: se em tempos “normais” na maioria dos casos a polícia e o Estado não respondem; têm respostas ineficazes ao receber uma denúncia que em nada muda a realidade e muito provavelmente aumenta a violência do agressor ao descobrir que a mulher ou a criança o denunciou; ou simplesmente pioram a situação re-vitimizando as pessoas em situação de violência. Então por qual motivos acreditaríamos que na situação atual essa resposta será útil e contribuirá?

Atualmente a resposta estatal é nefasta. Desde a aplicação da lei contra a violência de gênero, as denúncias se incrementaram, mas o sistema se encontra entupido. Por um lado, as pessoas que recorrem ao sistema judicial enfrentam uma e outra vez a re-vitimização e a violência da justiça patriarcal que as culpabiliza e as expõe junto com as crianças e adolescentes ao força-las a contar repetidas vezes as situações que viveram, como se uma vez não bastasse para se dar conta do aberrante que é ser alvo de uma situação de violência e abuso. Por outro lado, existem 4 dispositivos (centros de proteção) físicos que recebem as mulheres – que o sistema entende- que estão com a vida em risco e quem se encontra sob seus cuidados. Em todos esses espaços, o número de vagas é extrapolado, se vive em condições de superlotação e sob um estrito controle no qual os dias transcorrem em um absoluto confinamento, longe de sua rede de vínculos. Soma-se a isso o fato de não existir uma preparação ou formação específica em gênero dxs “atorxs sociais e judiciais” que participam nos programas e que são parte dos processos que atravessam as mulheres e suas famílias após a denúncia.

Isso ocorre no melhor dos casos, já que, frente a alta demanda de vagas pelo aumento das denúncias, as pessoas quem não entram nesses “dispositivos formais”, são redirigidas junto com a sua família aos chamados “dispositivos de emergência”. Tradução: são

designadas para hotéis decadentes localizados no centro da cidade, onde os proprietários combinam a parte econômica junto com o Ministério e permitem que as pessoas vivam ali, sem maior apoio nem acompanhamento, livres a sua própria sorte a espera da indicação de uma equipe que cuide de sua situação, enquanto passam os dias em um pequeno espaço com a sua família.

É por tudo isso que as boas intenções nesses casos acabam por ser totalmente irresponsáveis e respondem à mesma lógica que o poder nos dita: o Estado vai solucionar nossos problemas, porque se tivermos alguma dificuldade recorreremos a ele. O que se esconde por trás disso é a falta de iniciativas individuais e comunitárias, de cuidados e de apoio real no cotidiano, que se agrava com a crise relacional e econômica que nos atravessa.

Se desconsiderarmos a realidade de que o Estado existe para controlar e mediar todas as nossas ações em proveito de um sistema sinistro que se alimenta de suor e sangue das pessoas menos favorecidas, deixamos às suas custas a integridade e, no pior dos casos, a vida de pessoas que ingenuamente recorrem a ele em busca do que não encontram em sua comunidade.

Somos tão sem memória para não recordar como estávamos antes, não há 20 anos, mas há 6 meses. Esquecemos que saímos à rua para gritar que “o Estado é um macho violador”, que o capitalismo estava destruindo povos e terras e que a devastação era irremediável.

A pergunta é se vamos permitir que nos tranquem em casa (se é que temos) e que nossa melhor posição seja chamar ao papai Estado para pedir ajuda ou se uma vez por todas vamos tomar a direção de nossas vidas e vamos cuidar do que nos diz respeito (na medida de nossas possibilidades, obviamente). Essa segunda opção implica inevitavelmente no envolvimento real com as outras pessoas, a responsabilidade que isso implica e uma ruptura com o normalizado.

O que há de novo agora é que já não existe a normalidade tal como a concebíamos e temos em nossas mãos a possibilidade de criar novas formas, onde as palavras recuperem seu sentido e já não sejam slogans de uma empresa ou de uma cadeia de comida rápida.

porque queremos tudo,
não pedimos nada!
até que recuperemos o
sentido de nossas vidas!
pela anarquia!

para além
da calamidade
camila jourdan
território dominado
pelo estado brasileiro
25 março 2020

O primeiro movimento oportuno é aquele que cessa o querer ser produtivo. A ideia de que nossa saúde mental está em relação de bicondicionalidade com nossa capacidade produtiva é um dos cânones interiorizados dos quais precisamos nos livrar. O momento é de cuidarmos de si e dos outros, redescobrirmos formas que não sejam a mediação pelo capital, o que significa ao mesmo tempo não ser pelo Estado, nem pelo Mercado. A dimensão ética é evidente: de um lado a sobrevivência, de outro, a economia. Nunca tão claramente se pode expressar a oposição central entre o capital e a vida como quando alguém afirma: “o país não pode parar porque morrerão 5 ou 7 mil pessoas.” Mas o que é que se pararia exatamente? Ora, não há nada para se lamentar vendo este sistema ruir, podemos lamentar, claro, pelos pequenos comerciantes e produtores que perdem seu sustento, mas que essa máquina inteira entre em colapso só pode ser incentivado como uma saída, uma possibilidade aberta. *Jamais sofreremos pelo mundo do capital entrar em ruínas porque temos um mundo novo em nossos corações.*

Mas nosso maior desafio agora é o isolamento que impede que maneiras imprevistas de solidariedade possam surgir. Em uma greve, existem organizações coletivas diretamente relacionadas à parada da produção, comitês, pequenas organizações, algo vindo do concreto que toma o lugar das unidades abstratas do capital. Mas como

concretizar-se coletivo ainda que sozinho? Uma possível resposta é a revolta que agora está por toda parte, e que abre uma porta para a coletividade, pois jamais é um átomo aquele que se revolta. A revolta tem uma dimensão ética justamente porque ela nos permite saber pelo que vale arriscar a sua vida em um movimento que vai do singular ao coletivo: “eu me revolto, logo existimos”. E se temos isso tão fortemente hoje, tornar-se-ia possível responder também pelo sentido da nossa existência, pois aquilo sem o que não há vida a ser defendida é o que pode também justificá-la. Jamais imaginamos viver uma situação imprevista como esta, onde tudo, absolutamente tudo, parece estar em jogo e é mantido em suspenso. Mas é um enorme privilégio poder viver uma situação imprevista, de tal modo que o pior que poderia acontecer agora é tudo isso passar e voltarmos à normalidade. Isso, de não estar dado, é o que torna tão fundamental o momento presente. Pois não éramos nós aqueles que reclamávamos pelo aparente caráter indestrutível do sistema reinante? Não é justo ser imprudente agora com os que podem ser mais afetados. Mas é possível vislumbrar um caminho autônomo, arrancando dos governos o que é necessário à vida? Sem dúvida, jamais romantizar a mazela, pois seria aceitar a morte e a miséria, mas entender que ela torna evidente o que já estava posto antes e era disfarçado pela suposta normalidade.

Os flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós. Houve no mundo tantas pestes quanto guerras. E, contudo, as pestes, como as guerras, encontram sempre as pessoas igualmente desprevenidas. (...) Quando estoura uma guerra, as pessoas dizem: “Não vai durar muito, seria idiota”. E sem dúvida uma guerra é uma tolice, o que não a impede de durar. A tolice insiste sempre, e compreendê-la-íamos se não pensássemos sempre em nós. Nossos concidadãos, a esse respeito, eram como

todo mundo: pensavam em si próprios. Em outras palavras, eram humanistas: não acreditavam nos flagelos. O flagelo não está à altura do homem; diz-se então que o flagelo é irreal, que é um sonho mau que vai passar. Mas nem sempre ele passa e, de sonho mau em sonho mau, são os homens que passam, e os humanistas em primeiro lugar, pois não tomaram suas precauções. Nossos concidadãos não eram mais culpados que os outros. Apenas se esqueciam de ser modestos e pensavam que tudo ainda era possível para eles, o que pressupunha que os flagelos eram impossíveis. Continuavam a fazer negócios, preparavam viagens e tinham opiniões. Como poderiam ter pensado na peste, que suprime o futuro, os deslocamentos e as discussões? Julgavam-se livres, e nunca alguém será livre enquanto houver flagelos
(Albert Camus, *A peste*).

Agora temos patrão matando empregado literalmente; divisão sexual do trabalho gritando em todos os lares; falência da família nuclear estampada na rotina; limites do individualismo no telejornal da TV; escolha direta entre quem pode viver e quem deve morrer. E é também verdade que alguns daqueles que se julgavam inatingíveis foram atingidos. Ninguém está imune a peste, embora ela atinja as pessoas de forma diferente, ou seja, ela não nos faz iguais, ela explicita as desigualdades. A resposta de todos os governos é o aprofundamento do controle e das medidas de exceção, escorados numa retórica salvacionista. Uma pessoa muito querida me disse: “O coronavírus de fato não possui letalidade alta, é o capitalismo que nunca foi capaz de cuidar das pessoas.” O que vamos fazer com tudo isso que aparece de modo tão insustentável? O que vamos fazer com nosso tempo acumulado se este nos for restituído? Resta-nos ainda o desafio de ser livre, apesar dos flagelos.

Nos últimos dias, mais e mais pessoas entregaram voluntariamente seus dados na internet. Todas, absolutamente todas as atividades cotidianas foram voluntariamente transferidas para a rede mundial de computadores sob a justificativa de se evitar contágio e conseqüente quebra do sistema de saúde com a morte de alguns milhões. Aulas, reuniões, compras, atividades recreativas e laborativas, conversas familiares cotidianas, todas sendo realizadas de dentro de casa e alimentando o algoritmo com nossas compras, gostos, hábitos, opiniões, desejos. A impressão que se tem é que a vida real vai sendo substituída por uma representação holográfica, pela mediação das máquinas de comunicar, na qual as relações comerciais, sobretudo, precisariam ser mantidas. Mesmo aqueles resistentes à tecnologia, deixaram de lado essa resistência por um bem maior, e se entregaram de corpo e alma ao espaço virtual para tentar enfrentar a quarentena com menos solidão. Agora que nossos vínculos sociais ficaram de vez reduzidos ao teclado e ao *touch*; que não podemos sequer apertar a mão de um amigo diretamente; o que restará de nossa subjetividade? De nossas crianças que não verão teatros, ou aulas, ou contações de histórias, ou florestas, mas apenas telas?! Mas não há o que argumentar contra isso, alguns dirão. A realidade não-virtual nos é apresentada agora como perigosa, potencialmente mortal. Por que não usar tais ferramentas em um momento de emergência como este? Certamente que não devemos recusar a tecnologia agora, mas não usá-la indiscriminadamente, pois a sociedade de controle não criou o vírus, mas se aproveita dele para impor-se como realidade distópica ainda maior. Seria possível usarmos a tecnologia a nosso favor? Quais ferramentas autônomas temos ao nosso dispor para dizer '*fucking google*'? Como desalienar a tecnologia em prol de uma vida que não seja estruturada pela abstração? Creio que é um pouco isso que poderíamos pensar agora.

É útil refletir sobre as medidas que nos estão sendo impostas, pois, como sempre não serão as pessoas que serão “salvas”, mas as instituições financeiras. Sobrarão, como de todas as crises, aqueles que têm mais. Até mesmo o pânico pode ser vendável. De tal modo, que se chega a supor corte de salário sem renda mínima ou se ameaça prender as pessoas que estão saindo às ruas, corta-se transporte público pela metade e fecha-se os pequenos comércios, sem que os autônomos tenham qualquer alternativa de subsistência. Aqueles que não morrerem de fome; não entrarem em depressão ou crise de ansiedade desde agora, certamente ainda terão sequelas psicológicas enormes pelos meses de confinamento e mania de limpeza impostos. No horizonte, o aceno do ‘estado de sítio’, permitindo poderes absolutos ao soberano. Nada melhor para evitar uma insurreição do que a ameaça de um vírus mortal, se, durante meses, a população do Chile não saía das ruas em revolta, agora todos se prostram dentro de casa, temendo pelos próximos acontecimentos. E os grupos chilenos que mesmo assim saíram, foram detidos e jogados na cadeia. Na rua não pode aglomerar, mas na prisão pode. E, diga-se de passagem, teorias conspiratórias são tão enganosas quanto desnecessárias, obviamente o vírus não foi criado em laboratório, o que não significa que ele seja “natural”, pois nada é simplesmente natural na relação entre ser humano e natureza, o modo de produção predatório ao qual estamos submetidos cria tragédias e catástrofes, das quais também se retroalimenta, de tempos em tempos. Se não viesse o vírus, as catástrofes já se avizinham há tempos e, algumas, aí já estão.

Todas essas medidas até poderiam parecer uma simples preocupação com a saúde das pessoas, se houvesse contrapartes no sistema de saúde. Mas o que se vê até agora é que simplesmente as pessoas não estão sendo testadas. Isso tem uma dimensão política, evidentemente, porque casos crescentes pressionam o governo a

tomar providências e geram revolta. A temeridade diante do sistema de saúde quebrado não deve ser igualada à preocupação com as pessoas no reino do capital, ela apenas lembra que as pessoas ainda estão aí, talvez de um modo um pouco indesejado, e que, se podem trabalhar, podem também se revoltar; que se morrem aos montes sem atendimento, isso pode fazer o castelo de cartas mercadológico, senão ruir totalmente, ao menos perder a aparência sólida. Há uma escolha em se investir na segurança, aprofundando o Estado policial e as medidas de exceção, e não se investir na saúde, no diagnóstico, que seria o primeiro passo para o controle do vírus, e não das pessoas, bem como o tratamento. Se isso arrisca a economia, pode também fomentá-la, com milhares correndo para comprar itens que não precisam e bancos oferecendo empréstimos para “salvar” negócios e endividar pessoas. Já faz tempo que vivemos essa economia da crise, a diferença agora é que o inimigo é invisível e um vírus mortal. É possível prender e monitorar quem está na rua. Mas, de fato, ninguém sabe onde está o vírus. E de tal maneira que isso aprofunda o medo, ninguém sabe quem está ou não contaminado, e o medo obviamente nos impede de agir, impede a solidariedade básica com o outro que é agora visto não como a condição necessária da vida, mas como uma possibilidade de morte. A situação é insólita, um vírus desconhecido para o mundo, os sintomas variam de pessoa para pessoa, é possível ter e ser assintomático, todos são contaminados em potenciais, mas não é possível ter certeza de que se está ou não contaminado. Até o momento em que as pessoas passam a morrer de suspeita. Morre-se não de um vírus, mas de uma suspeita de vírus. “Morreram hoje no Rio de Janeiro três pessoas com suspeita”, dizem os jornais. Não saber se se tem o vírus ou não, ficar em quarentena e reiniciá-la todas as vezes que tiver que sair de casa, um ciclo crescente de angústia.

Esta semana o filósofo coreano Byung-Chul Han afirmou que Zizek está errado em pensar que um vírus poderia abrir uma possibilidade para vencer o capitalismo, por mais que ele deixe clara a falência deste sistema, um vírus não pode fazer uma revolução, na medida que isola e individualiza. Um vírus apenas poderia tornar ainda mais forte a sociedade de controle e o estado de exceção. Para ele, todas as medidas restritivas só fortaleceriam o sistema reinante, que ressurgiria ainda mais potente, inspirado nos controles de *big data* chinês e na obediência confucionista. De fato, não acreditamos que um vírus possa mudar nossa forma de vida, só a luta muda a vida. Mas nós somos daqueles que acreditam na revolta diante das mazelas. Ainda não sabemos o que virá, a maneira como vamos lidar com esta desestruturação profunda é o que agora abre possibilidades, para além do isolamento, para que a vida se imponha ao capital e aos governos.

nos limites do mundo
camila jourdan
território dominado
pelo estado brasileiro
abril 2020

Não há dúvida de que vivemos uma situação-limite, ela é limite, primeiro, porque aponta para uma fronteira entre a sobrevivência e a morte, ela é limite porque, depois dela, tudo está em questão e o que valia antes, deixa de valer. Não sabemos o que ocorrerá depois dela, sabemos que nada mais será como antes. Vasta é a literatura filosófica que aponta para a oportunidade ética de situações-limites: elas nos permitem criar valores porque não é possível julgá-las sobre o esteio

do que já estava estabelecido; elas não se fundam no que estava dado e, portanto, encarnam uma *singularidade* diante da qual é possível dizer o que realmente importa. O fundamental da situação-limite é justamente seu caráter sem precedência, não há um padrão, um modelo dado de valores simplesmente a serem aplicados, algo totalmente novo e, ao mesmo tempo, com valor de necessidade, então, pode surgir.

Chamo situações-limite àquelas em que me encontro sempre que não posso viver sem luta nem dor, em que inevitavelmente assumo a culpa e em que tenho de morrer. Não se transformam, ou transformam-se apenas na sua aparência, sendo, em relação ao Dasein, definitivas. Não são previsíveis; enquanto Dasein nada mais vemos por detrás delas. São como uma parede que enfrentamos e na qual fracassamos. Não podem ser por nós alteradas, chegando-se apenas à clareza sem a qual não explicamos nem deduzimos outra coisa. Elas são com o próprio Dasein. (Karl Jaspers, Philosophie)

os limites da família tradicional

O que experienciamos nos últimos dias é como a família nuclear tradicional é incapaz de fornecer o suporte de que precisamos em uma situação de emergência. Fechados em lares nada seguros assistimos a violência contra os mais vulneráveis e a exploração das mulheres aumentarem. Fato é que a família patriarcal não nos fornece uma experiência de solidariedade e ajuda mútua primária nuclear, como se propaga. Ao contrário, ela é fonte de injustiças; violências e silenciamentos.

os limites do individualismo

Nunca a televisão brasileira falou tanto em coletividade! De repente, atomizados por imposição nos lembramos que nunca fomos átomos. Subitamente, a presença de um vírus ameaçador nos leva a lembrar que temos uma vivência comum, que partilhamos um mundo, que nossa imunidade também depende da imunidade do outro, que habitamos um mesmo ambiente que agora nos é evidente ao mesmo tempo que retirado. O que o outro faz pode afetar a nossa vida ou morte. A liberdade liberal é uma evidente mentira quando uma situação realmente séria é estabelecida, ela é uma liberdade negativa. Aliás, ninguém permanece liberal quando o navio começa a afundar.

os limites do mercado e do capital

A fábula liberal de que o capital cuida de si como uma força mágica autorreferente é suspensa em toda crise na qual os mais árdus defensores do livre mercado clamam pela intervenção do Estado e convocam cada indivíduo ao sacrifício. Diante de uma situação de emergência, o Estado de bem-estar social, esta outra fábula, parece ressurgir da tumba que o neoliberalismo havia lhe colocado. Fato é que, quando realmente precisamos uns dos outros, os cânones do capitalismo não se sustentam porque o capital não é e nunca foi capaz de cuidar de si mesmo. O capital é individualista e autoritário. É então necessário fazer valer a vida em detrimento do Mercado e do trabalho. Não!, grita o momento presente, sua vida não é

equivalente à economia. Essa mentira suja se faz cada vez mais clara: de um lado está o Mercado, de outro está nossa sobrevivência.

os limites do Estado

Mas se é pelo Estado que se clama, parece ser para que este estabeleça um princípio do *comum*, o que ele não é de fato capaz de expressar. O que fizeram os Estados e seus representantes nos últimos dias? Aquilo que foram criados para fazer: disputas e espetáculo. Não só falham e tardam no estabelecimento de medidas necessárias à nossa sobrevivência, como criam novos problemas totalmente desnecessários. É até repetitivo citar aqui o governo norte-americano saqueando máscaras de países pobres e entregando para empresas privadas. Parecem que podem matar um vírus com o exército quando a primeira medida que lhes ocorre é chamar a força nacional. Rapidamente são estabelecidas mais e mais medidas para rastrear as pessoas e restringir liberdades, enquanto os subsídios mínimos são postergados ou negados. Discursos contraditórios; brigas internas visando eleições; informações escondidas; agressões mútuas inter e entre estatais. Não pense que este é o fato, mas que não precisaria ser assim, não há Estado que não funcione pela lógica da manutenção do seu próprio poder sobre outros Estados e sobre o seu povo. Sua lógica não é a da comunidade, mas da preservação da sua própria identidade. O Estado, um grande indivíduo, não a expressão dos limites do individualismo liberal. Estados não pensam sobre como salvar vidas, pensam sobre como salvar a si mesmos e seus interesses econômicos.

O que fazer quando toda uma forma de vida nos aparece como uma evidente mentira? É porque nossa forma de vida sempre foi uma

mentira que nossa vida agora surge como totalmente *sem forma*. Não é possível perder o necessário a menos que ele jamais estivesse lá. O advento do *ser-sem-mundo* não é responsabilidade de um vírus, mas de uma maneira de viver que não se sustenta por si mesma. A produção-consumo desenfreada e com aparente vida própria na qual embarcamos mata, destrói, nos tira as condições mais básicas de nossa existência. Se não fosse o vírus, seria outra mazela ou uma alegada catástrofe “natural”. A carência de mundo é própria à dinâmica alienante do capital. Tudo que é produzido e reproduzido, nesta sociedade, comporta-se, afinal, como um vírus: sem vida própria, mas induzindo a vida a reproduzi-lo como se dependesse dele. De fato, não é apenas o vírus, são inúmeras as mazelas. A questão é se ainda há tempo de criar um mundo novo. Se ainda resta *um comum* a ser construído para além do Estado, do Mercado, da família e do indivíduo. Todas essas entidades, que se pretenderam substanciais, regidas pelo princípio da identidade, se mostraram uma farsa, totalmente incapazes de dar conta da nossa comunidade, de nossa mediação fundamental. Por elas, acabamos por perder o mundo. Há agora apenas uma sombra do que podemos vir a ser. Resta saber se ainda poderemos aproveitar a possibilidade ética de uma situação-limite. Pois, se o momento presente faz surgir com clareza o que é farsa, também pode atestar a concretude das verdades manifestas que nenhuma *fake news* pode subtrair, os momentos de vida ou morte são reveladores sobre o necessário: a importância da produção de conhecimento coletivo; da saúde universal e gratuita; das condições mínimas de sobrevivência que um dia animaram o estabelecimento de direitos universais. O que resistirá de pé neste limite?

O sentido do mundo deve estar fora dele. No mundo, tudo é como é e tudo acontece como acontece; não há nele nenhum valor – e se houvesse, não teria nenhum valor. Se há um valor que tenha valor, deve estar fora de todo acontecer e *ser-assim*. Pois todo acontecer e *ser-assim* é casual. O que o faz não casual não pode estar no mundo; do contrário, seria algo, por sua vez, casual. Deve estar fora do mundo (Wittgenstein, *TLP*, 6.41).

Na mais árdua mazela as pessoas reencontram formas de vivências solidárias e cuidados coletivos imprevistos, não aquelas cristãs e humanistas, abstratas e caridosas, mas aquelas afetivas, concretas, que nos lembram qual vida queremos viver, o que nos constitui, o que tomamos como necessário. Perdidos, sem mundo, podemos reconfigurar seus limites, podemos operar mudanças fundamentais. Para além das telas, mas tornando, em alguns casos, essas que agora se interpõem em todas as esferas das relações como ferramentas, são inúmeras neste momento as redes de apoio mútuo que surgem ocupando o lugar do *comum* que a forma-Estado não é capaz de suprir. Pequenos grupos cooperativos, autogeridos e descentralizados que se mostram muito mais eficazes do que as alternativas institucionais para dar conta do momento presente. Aqueles que sempre estiveram na exceção, que já viviam diante da emergência, que precisavam se arriscar e estiveram diante das prisões, são capazes de organizar focos de resistência no mundo todo. É preciso atentar para essas redes silenciosas e para o que tal experiência ainda pode nos legar no âmbito das possibilidades abertas.

guerra e pandemia:
produção de um inimigo
invisível contra a vida livre
acácio augusto
território dominado pelo estado brasileiro
31 março 2020

A linguagem..., a linguagem..., dizia meu avô — disse Renzi — essa frágil e enlouquecida matéria sem corpo é uma tênue fibra que entrelaça as pequenas arestas e os ângulos superficiais da vida solitária dos seres humanos porque ela os amarra, como não? Sim, e os liga, mas só por um instante, antes de voltarem a afundar nas mesmas sombras em que estavam mergulhados quando nasceram e berraram pela primeira vez sem ser ouvidos, numa remotíssima sala branca, e de onde, outra vez no escuro, lançarão em outra sala branca seu último grito antes do fim, sem que sua voz tampouco chegue, de certo, a ninguém. (Ricardo Piglia - Anos de formação: O diário de Emilio Renzi).

As autoridades governamentais e de organizações internacionais, como o governo brasileiro e a ONU, insistem na retórica da guerra ao vírus para se referir às ações para conter a pandemia da Covid-19, declarada oficialmente no dia 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde. Isso é, também, um atentado contra a vida. Não contra a vida em geral, a Ideia de Vida, mas contra a vida real de cada um, a vida livre.

Então, se você, virtual leitor, não é patrão, empresário, político, militar ou governante, não caia nesse conto, não use a metáfora da guerra para se referir a uma luta que é pela vida de cada um e não pela morte de um inimigo invisível e intangível. Além dessa retórica da guerra não fazer sentido, ela apenas atende aos interesses dos que

almejam o controle social e político total antes, durante e após a pandemia. A guerra, como sempre foi para esses senhores, é a saúde do Estado.

Uma definição clássica de guerra diz que ela é um “conflito armado, público e justo”. Portanto, uma guerra segue uma espécie de roteiro que, mesmo sujeito às intempéries do acaso e às investidas de variados interesses, possui uma forma específica. Há objetivos definidos, um inimigo declarado, etapas a serem cumpridas, planos de ação e hierarquia dos agentes, gente treinada para matar, ciência de combate, espionagem e neutralização etc. Ela é a realização de um teatro sangrento, regulado racionalmente e distribuído no espaço. E mesmo que a chamada guerra clássica tenha se metamorfoseado e hoje leve nomes como “conflito de baixa intensidade”, “guerra de quarta geração” ou “estados de violência”, ela segue produzindo um banho de sangue e uma pilha de cadáveres humanos tomados como inimigos (os treinados para a morte do outro lado), e isso não tem nada a ver com um vírus, tampouco com uma situação social e política nomeada com pandemia. Ao menos não deveria ter.

O uso de analogias e metáforas militares para se referir às ações sanitárias não é novo, trata-se de algo mais ou menos generalizado na linguagem moderna. Em *Vigiar e punir*, Michel Foucault demonstra como a tecnologia política disciplinar, vinculada aos modernos saberes médico, militar e criminológico, segue o modelo da peste (muito mais que da guerra) como condição ideal de sua realização. E aí não se está exatamente em situação de guerra, mas de repartição disciplinar dos corpos, controle intensivo de territórios e produção espacial de lugares de confinamento. Isso justifica o controle total da circulação de pessoas e sua divisão no espaço como forma de contenção da contaminação e a necessidade de sacrifício coletivo. Todos obedecem em nome da salvação pública e cada um pode ser

isolado e disciplinado por meio de uma “anatomia política do detalhe” sobre os corpos.

Sabemos que as tecnologias disciplinares há muito cederam espaço para as tecnologias políticas da sociedade de controle. No entanto, elementos do efeito disciplinar que se buscava na cidade pestilenta ainda são produzidos, sobretudo a abertura de um campo de capilaridade para exercício dos poderes. Como observa Foucault, “contra a peste que é mistura, a disciplina faz valer seu poder que é de análise. (...) Atrás dos dispositivos disciplinares se lê o terror dos ‘contágios’, da peste, das revoltas, dos crimes, da vagabundagem, das deserções, das pessoas que aparecem e desaparecem, vivem e morrem na desordem. (...) No fundo dos esquemas disciplinares, a imagem da peste vale por todas as confusões e desordens; assim como a imagem da lepra, do contato a ser cortado, está no fundo do esquema de exclusão. (...) A divisão constante do normal e do anormal, a que todo indivíduo é submetido, leva até nós, e aplicando-os a objetos totalmente diversos, a marcação binária e o exílio dos leprosos; a existência de todo um conjunto de técnicas e instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais, faz funcionar os dispositivos disciplinares que o medo da peste chamava”.¹

Mesmo com as metamorfoses do poder disciplinar, notem que não é exatamente de guerra que se está falando. Poderia se falar de guerra interna. De qualquer maneira, trata-se de fazer operar o controle e a divisão dos corpos para exercício do poder divisionário e analítico. E as autoridades continuam dizendo que estamos em guerra. Em texto publicado no dia 22 de março na *Folha S. Paulo*, o secretário geral da ONU, António Guterres, pontifica que “a Covid-19 é o nosso inimigo comum. Temos de declarar guerra a este vírus. Isso significa

¹ Michel Foucault. *Vigiar e punir*. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 164.

que os países têm a responsabilidade de acelerar, reforçar e ampliar a sua ação”. Reiterar que estamos em guerra é o prenúncio de que mortes serão inevitáveis e sacrifícios serão necessários.

Isso vale também para os inúmeros militares que ocupam o governo brasileiro, a começar pelo Ministro-Chefe da Casa Civil, General Braga Neto, que a cada comunicado insiste na necessidade de operações de guerra para conter a pandemia. No Brasil, o envolvimento das Forças Armadas na “guerra ao vírus” não se restringe aos militares reformados que ocupam cargos civis no governo do Covarde 17 ou Capitão Corona, como vem sendo chamado o presidente da República. No dia 18 de março de 2020, o Ministério da Defesa publicou no Diário Oficial da União a Portaria N° 1.232 GM/MD para “Aprovar a Diretriz Ministerial de Planejamento n° 6/GM/MD, de 18 de março de 2020, que regula o emprego das Forças Armadas em todo o território nacional para apoio às medidas deliberadas pelo Governo Federal voltadas para a mitigação das consequências da pandemia Covid-19, na forma do anexo a esta Portaria”. Neste anexo, dentre outras diretrizes, consta como possibilidades de atuação das Forças Armadas: “b) Empregue os meios de Defesa Biológica, Nuclear, Química e Radiológica (DBNQR), para descontaminação de material, em coordenação do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas; (...) f) Apoie à triagem de pessoas com suspeitas de infecção para posterior encaminhamento aos hospitais.”² Por meio do discurso da guerra se empreende uma operação de guerra de fato, e esta atinge não ao vírus, mas os cidadãos.

² Brasil. Diário Oficial da União - Portaria n° 1.232/GM-MD, de 18 de março de 2020. Publicado em 19 de março de 2020. Disponível em <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-1.232/gm-md-de-18-de-marco-de-2020-248808643>.

Insistir na metáfora da guerra é insistir no fomento de uma guerra interna contra e entre as pessoas, do Estado contra todos e cada um. E, assim, perde-se de saída. Por dois motivos: o primeiro é factual, pois pressupõe que o vírus está fora, quando está dentro. Logo, como conter a "invasão" de algo que já está entre nós e que habita invisível e virtualmente cada um dos corpos? O outro motivo é ético-político: médicos e demais trabalhadores da saúde não são soldados, ao menos não deveriam ser. Novamente, trata-se de convocar ao sacrifício. Mobilizar a linguagem da guerra contra um não inimigo, já que o vírus não declarou guerra a ninguém, só aumenta a conflituosidade social, sobretudo entre os "alistamentos voluntários" de pessoas que se sentirão autorizadas a dizer como o outro (vizinhos, por exemplo) deve se comportar durante a pandemia, fazendo das pessoas reais e visíveis, virtuais infectados ou vetores do vírus, os reais inimigos. Essa imagem, criada pelas autoridades e pelos os que governam, não apenas corrói a solidariedade social – essa sim eficiente na contenção e mitigação dos efeitos do vírus – como vai elegendo pessoas e grupos como alvos. Nesse momento entram os exércitos e as polícias como elementos "necessários", agentes da ordem unida que, supostamente, estão atuando de forma "enérgica" para o bem de todos.

Desta maneira, os controles sanitário-securitários são justificados como medidas duras, mas necessárias, medidas de exceção para uma situação sem precedentes, novamente, uma guerra. Mas a verdade é que as autoridades são apontadas como solução de um problema que elas mesmas criaram ao usarem a retórica da guerra e ao se colocarem como única forma de conter o vírus, alçado aos status de inimigo mortal. E isso não é o pior, pois essa lógica se espalha entre os que se sentem autorizados a fazer "o que for necessário". Se espalha, porque os cidadãos em geral se sentem

alistados nessa guerra fictícia, ou melhor, fabricada pela retórica da guerra. E como o vírus é invisível, quem vira o inimigo a ser combatido? Virtualmente, qualquer um ou qualquer grupo social. Exemplos não faltam. Quando no Brasil a epidemia nem havia se instalado, já corriam relatos de hostilidades contra pessoas com traços asiáticos, com as medidas de isolamento social já em curso, há relatos de cidadãos-polícia que até ovo atiraram em pessoas que estavam sozinhas – sem contato social, portanto – andando de bicicleta na rua.³ E assim, esse inimigo pode ser a China, como insiste o presidente dos EUA Donald Trump e seus asseclas da família fascista brasileira que no momento ocupa o Palácio do Planalto; pode ser o imigrante, como foi na Itália; pode ser o morador de rua em qualquer parte do planeta; alguém que supostamente desrespeitou a quarentena etc. Em resumo: qualquer um, menos os que produziram essa situação. O campo para o exercício do racismo de Estado se amplifica consideravelmente, inclusive para além das instituições estatais. Muitos, por sua própria condição, serão entregues à morte e, como já foi dito por diversas autoridades no Brasil, mortes serão necessárias para que a “vida volte ao normal e o impacto econômico seja mitigado”. Ademais, como a epidemia é antes uma situação social e política e não um fato biológico, sabemos que ela atingirá diferencialmente a depender da classe, etnia e gênero de quem estiver em meio a ela.

É impressionante como mobilizar essa linguagem de guerra e sacrifício faz com que militares, políticos, gestores, empresários e

³ Como já ocorreu em alguns lugares de São Paulo, como mostra esta reportagem: Marie Declercq. “Moradores do entorno do Minhocão agridem passantes por saírem em quarentena contra coronavírus” In *Folha de S. Paulo*, 30/3/2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/03/moradores-do-entorno-do-minhocao-agridem-passantes-por-sairem-em-quarentena-contra-coronavirus.shtml>.

corporações multinacionais caridosas (bancos e empresas de tecnologia computo-informacional, sobretudo), se tornem, magicamente, os heróis e salvadores de uma condição que eles mesmo produziram. Bancos já anunciam em suas propagandas novas possibilidades de endividamento “para atravessar a crise”; corporações de tecnologia computo-informacionais foram imediatamente inundadas com dados de vidas que voluntariamente se transferiam para o universo *online*, das atividades laborais aos encontros sociais. E como vemos acontecer no Brasil, onde a conduta fascista grassava muito antes do espalhamento do vírus, a emergência de um inimigo intangível pronto a se tornar a fonte de todo mal, abriu ainda mais o campo de variadas formas de exploração e de exercício de autoritarismos.

Posso estar errado, pois não sou especialista em questões médicas, mas tudo que li sobre o controle do vírus em países que o receberam muito antes do Brasil informa que a testagem em massa e o uso de máscaras adequadas, além dos cuidados com higiene e com os grupos mais frágeis, são as principais medidas de contenção e/ou mitigação da epidemia. Curiosamente, faltam máscaras e os testes, até o momento, demoram a aparecer. Será que é muito difícil um esforço excepcional (ah!, a economia essa deusa moderna que senta ao lado do deus Mercado!) para produção de máscaras e testes em massa? Porque são tão rápidos em expandir os controles eletrônicos, os monitoramentos mútuos, as declarações de estado de sítio, a imposição do *home office*, mas tão lentos para produção ou compra de testes e máscaras? As informações disponíveis dão conta que há uma saturação da produção e que os principais fornecedores de testes para Covid-19 e EPIs (Equipamentos de Proteção Individual) estão sendo monopolizados pela nação mais rica e poderosa do planeta, os Estados Unidos. Mesmo que seja esta uma justificativa incontornável,

fica explícito como no capitalismo a produção e reprodução de mercadorias se sobrepõe a vida das pessoas, pois a capacidade tecnológica de produção existe, a limitação que se impõe é uma limitação de mercado. Não é uma coincidência que, além dos militares, os maiores propagadores da retórica da guerra sejam os economistas. Sejam eles funcionários de Estados e representantes de empresas ou das bolsas de valores, sejam os comentaristas da imprensa escrita ou televisa, todos repetem em uníssono que o plano de recuperação deve ser uma ação de economia de guerra.

As notícias em todo planeta também informam que o distanciamento social é necessário neste momento para conter o espalhamento da doença. No entanto, governos declaram quarentena e/ou estado de sítio, mas não investem em testes e equipamentos de proteção, como as máscaras. Falta proteção até para as equipes de médicos e enfermeiros! Para não falar em entregadores e motoristas de aplicativos, funcionários dos Correios, trabalhadores autônomos, profissionais de serviços domésticos e demais trabalhadores que são coagidos a trabalhar sem o devido equipamento de proteção ou mesmo com remuneração reduzida. O que passa então? O que passa é que ao falar de guerra, deixa-se claro que não se trata de conter a epidemia, mas de manter e expandir o controle das ruas, das vias de comunicação, da circulação de bens, pessoas e mercadorias. Ainda que em meio a isso também se contenha, de forma regulada, o espalhamento do vírus. Como sabemos, o poder é logístico. A retórica da guerra é isso: o meio pelo qual antes, durante e depois da pandemia, governos de todo planeta vão justificar as milhares de mortes e buscar manter o controle da logística no planeta. Neste ponto fica evidente porque a mobilização militar, que não ocorreu apenas no Brasil, se impõe como tão necessária: os militares são reconhecidamente especialistas em logística.

Os Estados e as corporações multinacionais possuem interesses próprios que são antagônicos aos da vida de cada pessoa, especialmente da vida livre. Quando eles chamarem, não se aliste nessa guerra fabricada. A melhor maneira de lidar com a situação é pelo autocuidado, o apoio mútuo, a ciência não autoritária, a ação direta e a defesa da vida.⁴ Ficar à mercê das autoridades é entregar a vida aos que, desde sempre, apenas jogam com ela. O vírus não é um inimigo, ele é apenas mais um dos vários agentes infecciosos que nos atravessam ao longo da vida. O Covid-19, em especial, pode matar, não se trata de diminuir esse truísmo, mas de compreender que ele não é um inimigo. O Estado, sim, além de parasita, é um inimigo da vida livre. As corporações, sim, são inimigas que já tomam a situação de pandemia como uma via de expandir seus controles e criar novas formas de exploração e extração de lucratividades e dividendos.

Como cantou, no final dos anos 1970, a banda anarcopunk Crass: “eles nos devem uma vida”. Não entregue a sua a eles. Como também colocam esses inventores do punk em seu manifesto inicial: “não há autoridade a não ser você mesmo”.⁵ O Estado e as corporações planetárias só se interessam por sua vida na medida em que você está disponível a servir, na medida em que se entrega à servidão voluntária.

⁴ Seguem dois exemplos de publicações de grupos anarquistas anônimos que informam sobre práticas de autogestão, autocuidado e ação direta em várias partes do planeta:

CrimethInc. “Sobrevivendo ao Vírus: Um Guia Anarquista”, In <https://pt.crimethinc.com/2020/03/20/sobrevivendo-ao-virus-um-guia-anarquista-capitalismo-em-crise-totalitarismo-crescente-estrategias-de-resistencia>

Facção Fictícia. “A luta é pela vida – escritos anarquistas sobre capitalismo, pandemia e a luta pela vida” In <https://faccaoficticia.noblogs.org/post/2020/03/22/luta-pela-vida/>

⁵ *Crass: escritos, diálogos e gritos*. Imprensa Marginal/No Gods No Masters, 2017, p. 10.

A vida não é um fato biológico e não pode estar disponível aos medidores que as contabilizam em bancos de dados estatísticos e georreferenciados do nascimento à morte. Neste momento, nada mais humano do que temer pela própria vida e pela vida de seus entes queridos. Mas é sempre bom lembrar que a distribuição dessas mortes anunciadas não se dará de forma igualitária e que uns serão mais matáveis e que outros. Isso é intolerável. Mas, sobretudo, é urgente se perguntar desde já, diante desse quadro de guerra: qual vida queremos viver durante e depois da pandemia?

Vida em servidão não é vida, mas sobrevida.

análise sobre o contexto biopolítico mundial a partir do coronavírus⁶

espiral ácrata

território dominado

pelo estado chileno

25 março 2020

A partir do contexto biopolítico que nos encontramos, produto do Covid-19 ou coronavírus, surge a necessidade de analisar sua natureza, quais tem sido as medidas de “controle social” que vem sendo adotadas em cada região e ver as possíveis lutas para enfrentar essa pandemia que avança vertiginosamente ao ritmo que a maquinaria tecnoindustrial gera riquezas da devastação da *madre tierra*.

origem

do vírus

Anteriormente ao coronavírus, a história já conhecia as pandemias como a “gripe suína”, o ebola, a varíola. Em nosso território Abya-Yala “o vírus influenza já havia matado aproximadamente 800.000 pessoas nativas entre os anos de 1537 e 1546” (sem contar as mortes por febre amarela, varíola ou sífilis). Como já sabemos, essas doenças não vieram de causas “naturais”, mas o contágio se deu pelo contato com os Europeus, somaram-se a elas a insalubridade, a escravidão, os estupros, os assassinatos em massa de povos nativos

⁶ Texto publicado originalmente como apresentação do zine “compilado internacional antiautoritário a raiz del Covid-19 - 25 marzo 2020 (región \$hilena)” (N.T).

e animais e sua posterior decomposição, além da devastação da terra, o que resultou em uma rápida propagação de mortes e doenças.

500 anos depois, a civilização evoluiu consideravelmente, mas sua essência é a mesma (um exemplo explícito é o de que se segue homenageando colonizadores e assassinos com nomes de ruas, estatuas e cerimônias no dia 12 de outubro, mal conhecido como *dia de la raza* (maneira pela qual se denomina, em alguns países, a invasão europeia ao território que atualmente é conhecido como América).

Mais recentemente, entre 2013 e 2016, na África ocidental, e a partir de 2018 no Congo, o vírus Ebola se transformou em uma pandemia devido a expansão das indústrias que deslocaram ainda mais os habitantes dos bosques, perturbando, assim, o ecossistema local. Um outro exemplo é o surto de casos em 2013 em Guiné, ocorrido justamente após o novo governo começar a abrir o país aos mercados internacionais e a vender grandes extensões de terra a conglomerados agroindustriais internacionais. Um exemplo disso são os monocultivos de animais “domesticados, propensos a pragas devido as maquiavélicas condições de superlotação e higiene, que permitiram produzir uma rápida expansão e evolução do vírus como nos casos de ebola, gripe “suína”, entre outros, que se transmitiram desde os animais não-humanos (veja o caso da china). Os surtos de vírus parecem estar diretamente relacionados com a devastação produzida por esta sociedade tecnoindustrial.

Desse modo, o novo coronavírus recentemente rebatizado como SARS-CoV-2 e sua doença covid-19 tem sua origem cheia de teorias conspiratórias que pouco ou nada nos ajudam a fazer uma análise séria da situação, que vão desde uma propagação por meio do mercado semilegal de morcegos na China, por uma conspiração dos Estados Unidos para frear o avance econômico da China, até que saiu dos centros bacteriológicos de Wuhan. O certo é que até o dia de hoje,

existem 392.780 contágios e 17.159 mortos a nível mundial (segundo dados oficiais de 24 de março de 2020), os quais irão aumentando exponencialmente a cada dia. Curiosamente as pessoas em situação de rua não fazem parte dessas estatísticas.

Frente a esses dados, o nível de gravidade do caso não é seu índice de mortalidade, que é baixo em respeito ao de morte por violência policial, nem em seu nível de contágio (somente 4% dos contágios acabam em morte), mas as medidas sanitárias, de segurança e proteção que utiliza o aparato do Estado para salvaguardar sua economia e sua infraestrutura a despeito da saúde e vida das pessoas oprimidas. É a soma de todas as mortes causadas pela civilização e seu progresso o real perigo; avança incessantemente na proporção que extingue as espécies animais, na mesma proporção em que morrem crianças por desnutrição, na mesma proporção em que milhares de bovinos são assassinados em um matadouro, na mesma proporção que bilhões são investidos na bolsa de valores logo após um desastre natural, na proporção de feminicídios ou estupros, na proporção em que milhões de peixes morrem devido a resíduos tóxicos lançados no mar.

o vírus
é o capitalismo

Para os poderosos e para o Estado, não somos mais que um número nas estatísticas, uma inversão de energia e tempo para fortalecer suas riquezas, que nunca serão alcançadas pelas pessoas oprimidas. Essa é a realidade da nossa gente, ainda que lá fora existam guerras, fome ou pandemias, o pão não chega à boca das crianças, a menos que você arrisque a sua vida, sua saúde e a sua dignidade à mercê do capital.

Nós sabemos muito bem que o coronavírus serve muito bem ao capitalismo, com a especulação de preços relacionados a higiene (papel higiênico, sabão, aerossol); como também para sua segurança e controle da população (como veremos a seguir), lançando mão de milhares de medidas repressivas que surpreendentemente são idênticas em todos os territórios, como se estivessem coordenadas desde algum lugar. Isso nos indica que existe uma intervenção de grupos economicamente poderosos que podem controlar Estados, tirando proveito de situações catastróficas. No decorrer da história, essa teoria se comprovou em vários episódios nos quais corporações, multimilionários ou sociedades anônimas, influenciaram diretamente na política e economia de diversas regiões, apoiando ditaduras em toda América Latina e no mundo. Levando países a falência, provocando guerras, genocídios, fazendo da água, da terra e dos animais a sua riqueza. Frente a esse cenário, não nos surpreenderia que o vírus tivesse sido provocado, como foi o atentado nas torres gêmeas com o fim de justificar a ocupação no Afeganistão para arrebatando o precioso ouro preto (petróleo). Em síntese, o neoimperialismo corporativo se beneficia das crises e gera riquezas com a morte.

contexo

pré-coronavírus

Antes de irmos diretamente às medidas repressivas que os Estados vêm tomando, revisaremos o contexto político que tem se desenrolado antes da covid-19.

Nos anos anteriores, vimos como se deslegitimou e desapareceu o pensamento político de esquerda na América Latina e no mundo devido a descoberta de casos de corrupção divulgados pelos imprensa de massa internacional, como o de Lula no Brasil, Cristina Kirchner na

Argentina, Michelle Bachellet no Chile, Evo Morales na Bolívia, Nicolás Maduro na Venezuela, enquanto avança o fascismo na Europa com o Amanhecer Dourado (partido neonazista) na Grécia, Macron na França com suas medidas anti-imigrantes que se encaixam bem nas ideias racistas e xenofóbicas.

A direita empresarial aparece como “única alternativa” à corrupção da esquerda, abrindo espaço para presidentes como Mauricio Macri na Argentina, Lenin Moreno no Equador, Ivan Duque na Colômbia, Jair Bolsonaro no Brasil, Sebastian Piñera no Chile, e mais recentemente Luis Calle Pou no Uruguai. Todos fieis ao status quo, aplicando cortes nas políticas de saúde pública e sanitárias, vendendo os recursos naturais a estrangeiros e aumentando os gastos com a indústria armamentista com o pretexto de combater o narcotráfico e ao chamado “terrorismo”; aprovando “leis especiais”, câmeras de vigilância, armas e veículos de guerra, que na prática são utilizadas contra as manifestações que ardem nas ruas da China, França, Equador, Haiti, Chile, Colômbia, território Mapuche, entre outros, com leis repressivas como a “lei antiencapuchados”, lei “anti barricadas”, lei “antisaques”⁷,

O único objetivo é proteger a propriedade privada, sua infraestrutura e o trânsito do capitalismo, estradas, portos e empresas privadas impulsionadas graças ao tratado transpacífico (TPP11) deixando de lado os gastos em questões como atenção sanitária, educação ou qualquer benefício às pessoas oprimidas.

Frente a essa progressiva precarização e as crescentes revoltas por todo o mundo que começavam a preocupar os poderosos, é que aparece o vírus como caído do céu, dando uma série de medidas repressivas coordenadas e quase tiradas dos livros mais distópicos

⁷ Leis criadas pelo Estado chileno com o objetivo de conter a insurreição que tomou as ruas da região nos últimos meses (N.T).

de George Orwell, Aldous Huxley e seu “SOMA”, Ray Bradbury ou Katsuhiko Otomo.

contexto atual e suas
medidas repressivas

Como algumas pessoas já sabem, os primeiros contagiados pelo covid-19 apareceram em Wuhan no final de dezembro e a declaração de emergência, como em todos os outros Estados, chegou tarde devido à desconsideração do vírus. Nenhum Estado fez nada até que ocorressem as primeiras mortes e tudo se transformou em um caos e paranoia por conta dos meios de comunicação, em um frenesi quase apocalíptico. As pessoas começaram a entrar nos supermercados, brigando pelos pacotes de papel higiênico, quem tem mais dinheiro explicitam seu asqueroso egoísmo, levando todos os tubos de spray e álcool em gel possíveis, deixando sem nada pessoas mais velhas ou pessoas pobres, para logo vende-los ao triplo do preço, o que é condenado pela cidadania e pelos meios (quando se trata de cidadãos comuns), já que em simultâneo se vê como supermercados e farmácias especulam subindo os preços sem critério, com a cumplicidade das autoridades. Contudo, frente ao perigo de saques e pela defesa do capitalismo, se constrói a necessidade de um maior “controle” sobre a população.

Na China, em Zhejiang, “são entregues passaportes temporários para restringir que somente uma pessoa por lar possa sair de sua casa, uma vez a cada dois dias”. Cidades como Shenzhen e Chengdu “ordenaram que cada bairro seja fechado, e permitiram que edifícios inteiros fossem colocados em quarentena durante catorze dias quando encontrado somente um caso confirmado do vírus em seu interior”. Como vemos, as autoridades sanitárias têm o direito de

examinar, deter ou colocar em quarentena qualquer pessoa ou lugar. Da mesma forma, as medidas repressivas aumentam consideravelmente com o passar dos dias, onde “centenas de pessoas são detidas ou multadas por *difundir rumores* sobre a doença”, “quem fugiu da quarentena é preso e sentenciado a um longo tempo de prisão”, “aqueles que falsifiquem a certificação para sair podem ser presos em flagrante e cumprir até seis anos de prisão”, “os que violem a quarentena podem ser acusados de homicídio involuntário contra a saúde públicas” e “os que violem a quarentena e que apresentem sintomas da covid-19, como febre e tosse, podem ser acusados inclusive de homicídio voluntário e presos por até 21 anos”.⁸

Em simultâneo, as prisões já começam a experimentar o perigo de surto, deixando as pessoas presas a deriva da pandemia, sem medidas sanitárias e restringindo as visitas, o que leva a uma onda de rebeliões e tentativas de fuga a nível mundial: na Itália fugiram 300; no Brasil, 1500; no Chile, um motim na prisão Santiago 1 deixa dezenas de feridos; e na Colômbia, da mesma maneira, deixa 23 mortos e 80 feridos.

Fora, o contexto não é nada diferente das prisões, insalubridade e superlotação nos hospitais, trabalhos e meios de transporte, o “terrorismo midiático oscilando entre o pânico massivo e a calma ilusória” ordena que todo mundo fiquem em suas casas, como se todos tivessem o privilégio de ter uma casa ou um uma geladeira ou dispensa para alimentar por meses suas famílias sem ter de sair um dia para trabalhar. Devido a isso, o Estado impulsiona um novo modelo de exploração de trabalho que causalmente já vinha se gestando com

⁸ Aqui, se referem a medidas adotadas por Estados, sobretudo na Itália, que foram descritas no texto “contra o coronavírus e o oportunismo de Estado”, da crimethinc. Esse texto integra a primeira edição deste zine “escritos anarquistas sobre capitalismo, pandemia e a luta pela vida” (N.T).

antecedência, conhecido como “teletrabalho”, que vem para precarizar ainda mais as condições de trabalho com subcontratos.

Em 18 de março é decretado estado de catástrofe em todo Chile, de 10 da noite até 5 da manhã ninguém pode sair de suas casas, colocando novamente os milicos nas ruas, os mesmos que criaram centros de tortura improvisados em estações de metrô e supermercados durante as revoltas de outubro, os mesmos que jogavam corpos baleados e golpeados em supermercados para depois queimá-los com eles dentro.

Enquanto suspendem aulas, concertos, beijos e abraços, o plebiscito pela nova constituição ou qualquer reunião de pessoas, as redes de supermercado, farmácias, transporte, bancos, hotéis, companhias aéreas, mineradoras, construtoras ou florestais parecem ser intocáveis, pois seguem funcionando normalmente, ganhando milhões de dólares e desencadeando demissões, aumento de preços e especulação.

Nas regiões mais abastadas, os ricos correm das zonas vermelhas (de risco) para suas casas na praia para passar a quarentena como se estivessem de férias sem se importar que o vírus se propague.

Nas regiões mais pobres, até mesmo lavar as mãos é um privilégio de classe. Sem acesso à água potável, lavar frequentemente as mãos é uma recomendação difícil quando a rede de água potável é um cano de uso compartilhado na rua.

Como vemos, quando os governantes falam de “saúde”, se referem à saúde da economia, enquanto nos exterminam em ônibus e metros superlotados sem nenhuma proteção. Contudo, nosso querido ministro doente Jaime Mañalich (ministro da saúde do governo Piñera) nos diz o contrário: “O que ocorre se o vírus sofre uma mutação e se torna uma boa pessoa??” – bem, é obvio, se você sair entre os horários

estipulados para trabalhar e sustentar a economia dos poderosos, o vírus poderá te respeitar e inclusive irá até romantizar o seu esforço. Caso contrário, se você sair durante o toque de recolher o vírus te aprisiona, te contagia ou simplesmente te desaparece.

Como vemos, o covid-19 vem matando, mas somente pobres, pois enquanto os ricos têm médicxs particulares, pobres morrem esperando uma consulta. De fato, os hospitais públicos interromperam os exames médicos programados regularmente, incluindo a diálise e o tratamento das pessoas com diabetes e outras doenças com afecções médicas graves, deixando assim doentes sem cuidar de suas enfermidades que podem ser tratáveis. Enquanto militares tem as melhores máscaras de última geração, os hospitais públicos têm de construir seus próprios insumos sanitários. Há recurso para reprimir, mas não para a saúde pública.

Esta é a realidade a qual somos submetidos cotidianamente, ainda sabendo que o pico da doença ainda não chegou em nosso território, como será quando começar o inverno rigoroso.

Se tudo volta a normalidade, não esqueceremos quais foram as prioridades dos governos, e não os deixaremos dormir nunca mais, a vingança será terrível!!!

Para finalizar, deixamos algumas ideias ou programas de luta para tocarmos desde nossos bairros e quebradas:

ideias contra a pandemia
neoimperialista corporativa

-Que todas as pessoas presas durante a revolta passem a quarentena em suas casas.

-Greve geral em todo o território

- Expropriar e redistribuir organizadamente os recursos de primeira necessidade, como alimentos e medicamentos.
- Questionar, rechaçar e boicotar a indústria da carne, láctea e/ou farmacêutica que usam animais.
- Fomentar as medicinas naturais para outras doenças de baixa gravidade, como resfriados, dores e estômago, de cabeça etc.; medicinas alternativas.
- Hortas comunitárias para o abastecimento alimentício e medicinal.
- Greve de aluguéis, congelamento de contas de luz, água, internet gás etc.
- Organização territorial contra despejos e cortes de fornecimento.
- Ocupação de espaços vazios em desuso para criar albergues ou centros de apoio como escolar, casas abandonadas, recintos públicos e privados.
- Agitação e propaganda nas ruas (cortes de vias, boicote, greves e sabotagem).

fortalecer o apoio mútuo
internacionalista antiautoritário!
até que caia o último bastião
desta sociedade punitiva e carcerária!
viva a anarquia!

perspectiva anárquica
frente à pandemia-coronavírus
território dominado
pelo estado chileno
texto anônimo
primeira quinzena de março 2020

Na tarde de uma sexta-feira especialmente caótica, Piñera (presidente chileno) inaugura a pandemia em cadeia nacional. Desde o início de março que o medo ao vírus entrou pouco a pouco na conversa: entre a agitada volta das aulas que buscam ser uma réplica (como um terremoto) da revolta de outubro, as massivas manifestações feministas, a radicalização dos setores mais reacionários e a iminência do plebiscito (sobre a criação de uma nova constituição no país que substitua a atual, com resquícios *pinochetistas*), cada vez toma mais protagonismo.

A situação internacional não é menos complexa. No ano passado começou uma nova onda mundial de revoltas contra a normalidade capitalista, e a tão manuseada “institucionalidade” parece estar colapsando por onde se olha, deixando lugar não somente à criatividade insurgente, mas também (e nunca tão facilmente diferenciáveis) a populismos e fascismos de todo tipo.

A economia vem perdendo velocidade, mas a guerra comercial entre duas potências em decadência, o aumento produzido no preço do petróleo e a paralização provocada pelo coronavírus construíram a tormenta perfeita para deixar a bolsa e seu enredo de ficções especulativas em queda livre.

É nesse contexto que a doença chega ao nosso território, com o estado de exceção ainda fresco na memória. Começa no bairro alto

(região com alta concentração de renda) e quase nos alegramos antes de lembrar que não serão elxs quem sofrerão suas consequências. O governo, sempre tarde, anuncia suas medidas. Obviamente não são suficientes e seu único objetivo é assegurar a livre circulação de capital. Algumas pessoas (as mesmas que enxergam montagens em cada esquina) sussurram que é uma estratégia para cancelar o plebiscito, aparentemente tão perigoso. Contudo, para nós, é evidente que fascistas inteligentes votam a favor (no plebiscito)⁹, e que a incompetência do governo não requer mais justificção que seus próprios interesses de classe.

Porém, vimos como se desenrolou a situação em outros países com uma etapa mais avançada de infecção. Nas ruas da China, da Itália e de outras partes do mundo se desdobraram simulacros de insurreição, de guerra urbana, de estado de exceção absoluto, com diferentes níveis de sucesso. O Estado chinês, famoso por sua capacidade repressiva, concentrou todos seus esforços na contenção da “zona zero”, mas, fazendo malabares para manter a economia como central, deixou seus governos regionais com a liberdade tanto de retomar a produção como de instaurar leis absurdas para sustentar a quarentena. Além disso, foi de longe o país cuja quarentena foi mais eficiente e efetiva (nem se fala dos Estados Unidos, cuja política se reduz a tapar os ouvidos e gritar forte)¹⁰.

⁹ Essa afirmação parte da discussão realizada nos meios anárquicos de que a esquerda institucional, a socialdemocracia e a direita “moderada” buscam aprovar o plebiscito para conter a insurreição que tomou as ruas de outubro de 2019 até o início dos casos no território dominado pelo Estado chileno (N.T).

¹⁰ Antes da explosão no número de casos de pessoas infectadas nos Estados Unidos e a adoção de diferentes modos de quarentena nos estados, o governo do país negou a gravidade da situação, estimulando as pessoas a saírem de suas casas para trabalhar (N.T).

O caso italiano é notável, mais do que nada, pela resistência às medidas de quarentena e “distanciamento social”, eufemismo nefasto que se refere ao autoisolamento, à precarização forçada disfarçada de “teletrabalho”, ao estoque de bens essenciais e a negação de qualquer forma de comunidade. Quando se proibiu as pessoas presas (amontoadas e com a imunidade comprometida desde sempre) de receberem visitas, começou as maiores revoltas nas cadeias deste século: 27 prisões tomadas, várias mortes, policiais e gendarmes sequestrados e centenas de fugas. No território chileno, a situação é incerta. Farmácias e supermercados, que há pouco foram saqueados, logo estarão desabastecidos por conta do pânico generalizado. O transporte público, campo de batalha permanente desde o início da revolta, logo será evitado como a peste. O governo já proibiu as concentrações de mais de 500 pessoas, mas a essa altura quem se importa em escutar o governo. Milicos, que supomos que se recusaram a sair novamente para manter a pouca legitimidade que lhes resta e para poder conservar seus privilégios em uma nova constituição, não terão tanto pudor se puderem disfarçar suas ações como se fossem de saúde pública. A saúde pública de verdade, por outro lado, pesa menos que um saco de pipocas. E não temos ideia do que vai acontecer com o plebiscito.

Se em outros lugares a pandemia foi um ensaio de insurreição, aqui a insurreição parece ter sido um ensaio de pandemia e de crise econômica. Mantenhamos viva a chama da revolta e nos organizemos para sobreviver.

Por fim, esboçaremos algumas medidas que consideramos dignas de se generalizar, mais uma conspiração que um programa:

-O saque e a redistribuição organizada de bens básicos.

-A utilização de ocupações estudantis como centro de apoio, albergues para pessoas sem teto e, obviamente, focos de enfrentamento nas ruas.

-O boicote de qualquer forma de trabalho ou estudo à distância, que a quarentena desemboque em uma greve geral.

-A liberação imediata de todas as pessoas presas como demanda central.

-*Evasão* massiva nas clínicas privadas, auxílio médico livre para todas as pessoas.

-Greve de aluguéis, ocupação de casas vazias.

a capucha é a melhor máscara!
evade o isolamento do capital!
negue a imunidade como dispositivo policial!
a crise é uma oportunidade,
cuide de seu grupo e atake!

água e sabão
para o monopólio
da violência
periódicx gatx negrx
1 abril 2020

Momentos tensos que a sociedade atravessa em seu conjunto neste cenário de observação, controle e isolamento total dos corpos. A quarentena, romantizada com séries e luxos para algumas pessoas, com miséria e desespero para outras, não deixa ninguém indiferente. Enquanto algumas pessoas brindam por vídeo-chamada e sentem saudade de saudar amigxs com abraço ou beijo, outras tem a barriga roncando por não poder fazer o furto do dia para levar um pacote de arroz ou macarrão para casa. Tem quem ousa desafiar a lei, o governo e o Estado. Se animam a derrubar a tranca que isola, junto às paredes de contenção, para sair ao agora proibido mundo exterior. Faz isso quem não pode encher o frizer no meio do mês e faz também quem vive espremida em barracos de 20m². O tratamento é igual em ambos os casos?

Frente o novo avance nacionalista, pró-patriota, pró-militarista, a favor da “ordem e progresso”, do “pela razão ou pela força”, os setores e veículos de comunicação próximos ao governo enchem o balde com água e detergente, pegam a esponja e assim como faz qualquer vizinhe em um domingo a tarde na porta de sua casa com seu carro, saem a lavar com força e lustrar a maquinaria repressiva monopolizada e legítima do Estado. Entendendo os meios de comunicação como formadores de opinião, neste caso a favor de quem ocupa a cadeira de Rivadavia neste momento, não podemos ignorar um processo de ressurgimento de velhos elementos nacionalistas

que vêm sendo gestados há tempos, encorajando o controle e a vigilância, mas com uma “cara popular”.

Em uma nota recente da Página 12¹¹ (“12” como o calibre dos cartuchos que a polícia dispara contra as quebradas), se fala do “Elogio à polícia do cuidado”¹². Como num passe de mágica, a repressão, a crueldade e a miséria inerente às forças de segurança e suas ações que viralizaram por todas as redes nos últimos dias parecem ter desaparecido; “salto de rãs” (tipo de exercício físico), flexões, balas de borracha e de chumbo, corridas de moto, ameaças e, como evidencia contundente de que o patriarcado, sistema de dominação 5 mil anos mais antigo que o Estado e o capitalismo, não conhece pandemia que o contenha, mulheres foram despedidas e obrigadas a fazer agachamentos.

Quando se fala “como um passe de mágica” é porque quem assina essa infame nota humanizando os carrascos de coturnos e coletes a prova de balas: 1) ignoram o que está acontecendo nas regiões periféricas; 2) sua ânsia progressista e socialdemocrata de “reformular/reestruturar as forças” são mais fortes que elxs; ou 3) têm algum tipo de afinidade com o governo nacional e o partido que atualmente está no poder. Seria interessante permitir-se uma breve análise do que está acontecendo com essa nota e investigar minimamente cada um dos pontos.

A primeira opção se descarta de cara; impossível que não vejam ou não se saibam das situações que passam as pessoas nas quebradas, assentamentos, favelas, periferias e prisões. No caso de ser o segundo, pareceria inacreditável que depois de um século e meio de Estado consumado, o arco progressista siga tendo a ilusão de que a polícia pode se colocar ao lado do povo; nas ditaduras, democracias,

¹¹ Jornal editado em Buenos Aires (N.T).

¹² <https://www.pagina12.com.ar/255797-elogio-a-la-policia-del-cuidado>

sejam liberais, conservadoras ou progressistas, as forças de segurança jamais se colocaram do lado das pessoas oprimidas (ou talvez acreditem que estar com o povo é prender pessoas e aplicar multas à classe média branca como uma punição exemplar), impossibilitadas de romper com a lógica estatal e suas instituições. Exemplo mais explícito impossível quando expulsam 500 pessoas de uma fábrica, após elas se organizarem e armarem um piquete na porta. Rapidamente chegam os mercenários para atacar a mando do governo. Pensemos quantas vezes entraram na fábrica para agredir e prender o patrão burguês precarizador e quantas vezes distribuíram porrada e algema contra quem reclamava legitimamente por sua fonte de trabalho (independentemente de quem carregava a faixa presidencial); os números são grosseiramente assimétricos.

Tudo indicaria que nos inclinaríamos pela opção 3, quer dizer, que vêm uma “oportunidade para imaginar uma polícia que fuja do paradigma securitário punitivo” (aliás, que sigam imaginando), são partidários, ou mostram certa afinidade, pelo partido no poder e seguem a mesma linha que este quando apoiam seu discurso. A pergunta mais interessante seria: a leitura que fazem da polícia está descontextualizada ou na realidade está no contexto com tentativa de limpar a imagem das FFAA e FFSS (ambas forças de segurança do Estado argentino) que se vislumbra já há algum tempo? A absolvição do “companheiro” Milani no ano passado¹³, o discurso de Alberto Fernandez de “militares formados na democracia”¹⁴, o discurso neofascista de Berni promovido pelo Ministério de Segurança da

¹³ https://www.diarioregistrado.com/politica/absolvieron-a-milani-de-todos-los-cargos-en-el-juicio-de-lesa-humanidad_a5d4dcbcad181e02681fe3428

¹⁴ <https://www.telam.com.ar/notas/202002/434085-alberto-fernandez-tenemos-fuerzas-armadas-totalmente-integradas-a-la-sociedad-argentina.html>

província¹⁵, e agora a nota de Razzia no Página 12. Nem em tempos de pandemia acreditamos nas casualidades ou atos inocentes, muito menos por parte do jornalismo hegemônico e de massas.

Citando dois filósofos conhecidos, contemporâneos entre si, de ideologias que se chocaram e dividiram a Primeira Internacional. Karl Marx: “Ali aonde existem partidos políticos todos vêm a causa de todos os males e no fato de que seu adversário é quem governa e não ele mesmo. Inclusive os políticos radicais e revolucionários buscam a causa do mal, não na natureza do Estado, mas em uma forma específica de Estado que querem mudar por outra”, (a análise que fazia o setor progressista enquanto Macri estava no governo, atacando Bullrich, Montenegro e Santilli); e Mikhail Bakunin: quando o povo está sendo reprimido, não faz diferença que isso seja feito sob o nome de governo popular (é o que ocorre hoje em dia, que temos um governo “nacional e popular”).

Para não cair no purismo sectário de invocar somente escritores de séculos atrás, Christian Ferrer, sociólogo e professor da Universidade de Buenos Aires, em uma entrevista recente¹⁶, disse:

Não são metáforas novas (a do inimigo invisível que se usa agora), são metáforas biológicas bem conhecidas durante a etapa da ditadura (...). As pessoas aceitam que o Estado controle as vidas, pelo tempo que seja, não em função de um inimigo invisível em princípio, mas elas aceitam porque o motivo é humanitário; e desde sempre, os piores controles, sempre foram exercidos em nome de motivos humanitários. A brecha ficou em suspenso.

Há um mês tínhamos pessoas que se diziam jornalistas e que atacavam pessoas que se diziam não jornalistas, e essas pessoas jogavam pedras sobre as outras; totalmente retórico, palavras.

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=CUh20CVFst4>

¹⁶ Entrevista de Christian Ferrer para o programa “Fuera de tiempo” <https://open.spotify.com/episode/7FKPH3BTpNCLb7QATN8Bof>

Por outro lado, a outra grande conflagração que havia nas redes sociais era a inimizade entre homens e mulheres por conta de demandas legítimas em relação ao comportamento dos homens ou a um sistema geral que coloca as mulheres em determinadas posições. Esse duplo sistema de guerras retóricas de repente desapareceu, não somente porque surgiu um “inimigo invisível (silencioso, por outro lado), mas porque em alguma medida tudo era apenas espuma. Contudo, não uma espuma como de um mar mediterrâneo ou da polinésia, mas uma espuma tóxica como a de rios e mares contaminados. Frente a pandemia, o medo, o pânico e a psicose, todo o resto era uma retórica falsa e ponto final.

Diante da raiva e da impotência de não poder mover um dedo mais do que denunciar as atrocidades, opressões e humilhações feitas pelas forças de segurança, só nos resta escrever; escrever para contrariar esse tipo de propaganda e tentar, desde nosso lugar, dar o grito dissonante frente a falsa brecha politqueira e binarista que tentam nos acostumar: eles não se incomodavam nem com os cassetetes nem com as botas, somente se incomodavam por não serem quem comandava.

greve de aluguéis? - uma análise
estratégica das greves de aluguéis
ao longo da história - e agora
editorial segadores e col·lectiu bauma
região catalã
adaptado por crimethinc¹⁷
8 abril 2020

No mundo todo, estão acontecendo convocações para greves de aluguéis frente às dificuldades econômicas impostas pela pandemia do COVID-19. Na última década, os valores imobiliários cresceram vertiginosamente e a gentrificação destruiu inúmeras comunidades. Os custos com moradia já eram insustentáveis muito antes de a pandemia evidenciar a questão.

esse é o momento
para uma greve de aluguéis?

O fato de que há muitas pessoas subitamente interessadas em uma greve de aluguéis (e que nunca tiveram contato com organizações ortodoxas) não é sinal de espontaneidade ou de ultra-esquerda ou mesmo de um fracasso moral em não haver participado anteriormente em organizações ortodoxas. É sinal de que a mudança das condições materiais apresentou esta estratégia, combinando a) sobrevivência; b) o recente aumento em empréstimos. Novas condições significam novos modos de organização ao invés de bater o pé e insistir em formas antigas. (Joshua Clover)

¹⁷ Você pode consultar as referências utilizadas no texto, como pesquisas, notícias e outras publicações acessando o site <http://https://pt.crimethinc.com/>

Eu não posso despejar todos de uma vez! (Aparentemente, um proprietário buscando conselhos em um fórum online depois de receber uma carta dos 32 moradores do prédio que ele “possui” a respeito da intenção de realizar uma greve de aluguéis. 25 de março, 2020, em Houston, Texas).

São tempos estranhos. A primavera chegou, acompanhada pela pandemia causada pelo vírus, que avançou com velocidade alarmante e com a resposta totalitária do Estado, colocando-nos diante de uma nova situação. Enquanto a polícia aproveita seus novos poderes adquiridos, inúmeras pessoas perderam seus empregos e muitas outras não fazem ideia de como irão sobreviver até o fim do mês. Nesse contexto, vozes desobedientes têm surgido e a ideia de uma greve de aluguéis têm ganhado força. Nós da Editorial Segadores e Col·lectiu Bauma quisemos investigar esse tipo de greve, revisitando alguns exemplos famosos do passado e imaginando como seria uma em tempos de coronavírus. Esperamos que essas reflexões possam ajudar a quem esteja interessado nestas articulações e em agir neste sentido. Em resposta ao confinamento – pensamento crítico e ação direta.

o que é uma greve de aluguéis
e como ela funciona?

Em 1901, uma greve de aluguéis estourou nas fazendas que pertenciam ao Barão De Freye, na época um famoso proprietário em Roscommon Country, Irlanda. Nas décadas anteriores, os locatários da região tinham consolidado seu poder de organização contra os donos de grandes propriedades, em um movimento ligado à resistência contra o colonialismo e as consequências da Grande Fome.

Esses movimentos não haviam começado em Roscommon, mas os seus habitantes certamente sabiam e tinha participado de algumas práticas semi-ilegais de resistência que foram parte de arrendamentos rurais (como reuniões em massa, resistência física a despejos, sabotagem, incêndios).

No começo do século 20, os residentes estavam organizados sob a União da Liga Irlandesa (UIL), uma organização nacionalista que lidava com questões econômicas e agrárias. Quando os habitantes começaram sua greve autônoma, eles rapidamente entraram em contato com a UIL local, enquanto outros grupos se aliaram para ampará-los na greve. Ao mesmo tempo, um líder de hierarquia superior agiu de forma ambígua, oferecendo às vezes apoio, e outras tentando enquadrar a greve como uma iniciativa independente que não rejeitava os conceitos de aluguel e direito a propriedade, uma vez que a liderança da UIL ainda tentava convencer uma parcela dos donos de propriedades a juntarem-se a eles.

A causa imediata da greve incluiu uma chuva torrencial que destruiu grande parte da colheita, e elevou o preço da tarifa; A recusa de De Freyne em abaixar os custos do aluguel; a acumulação da dívida e o despejo de um grande número de famílias e um longo histórico de injustiça no que diz respeito a posse de terra, agravado pelo episódio recente em que alguns dos moradores de uma área vizinha foram autorizados a comprar terras, enquanto todos os inquilinos de De Freyne foram obrigados a viver como servos.

A greve começou em 1901. A princípio, muitos dos inquilinos de De Freyne se auto-organizaram clandestina e informalmente, uma vez que UIL não tomou iniciativas, embora tenha apoiado os grevistas. A greve se espalhou para outras áreas e durou mais de

um ano. Mais de 90% dos arrendatários de terras de De Freyne participaram. Eles resistiram aos despejos erguendo barricadas, atirando pedras na polícia e construindo casas ilegalmente.

Tudo isso causou um escândalo nacional. Em 1903, o Parlamento Inglês foi forçado a adotar extensivas reformas agrárias, colocando um fim no sistema de arrendatários em fazendas.

greve das vassouras,
buenos aires e rosário, 1907

Em agosto de 1907, o município de Buenos Aires decretou um aumento de imposto para o ano seguinte. Imediatamente, donos de propriedades começaram a aumentar os aluguéis. As condições nas áreas pobres já eram miseráveis. No ano anterior, a Federación Obrera Regional Argentina (FORA) havia protestado pela diminuição dos aluguéis.

No dia 13 de setembro, as mulheres de 137 apartamentos de um bloco começaram uma greve espontânea. Elas expulsaram os advogados, oficiais, juízes e a polícia que tentaram despejar os inquilinos. Até o final do mês, mais de 100.000 inquilinos participavam da greve liderada pelas mulheres, que organizaram comitês, com a ajuda de mobilizações e estruturas organizadas pela FORA. Elas exigiam a redução de 30% no aluguel; quando a polícia veio para despejar um habitante, elas lutaram com tudo que tinham, atirando projéteis e resistindo fisicamente.

A greve espalhou-se para outras cidades, incluindo Rosário e a Baía Blanca, sendo apoiada por vários trabalhadores, anarquistas, organizações socialistas, da qual a liderança estava o FORA. A repressão policial foi intensa; em uma das vezes,

assassinaram um jovem anarquista. No fim, embora a greve tenha impedido muitos despejos, eles não foram bem sucedidos em impedir que os proprietários abajassem o custo do aluguel. Depois de três meses de muita luta e da deportação de muitos dos organizadores (como Virginia Bolten) sob a Lei dos Residentes, a greve perdeu a força.

greve de aluguéis
de manhattan,
nova york, 1907

Entre 1905 e 1907, os aluguéis em Nova York subiram 33%. A cidade crescia sem parar, expandindo-se com a chegada de imigrantes pobres vindos para trabalhar nas fábricas, construções e nos portos. Havia também uma onda de atividades anarquistas e socialistas. No outono, os proprietários anunciaram outro aumento nos aluguéis. Como resposta, Pauline Newman, uma trabalhadora de 20 anos, imigrante judia e socialista, tomou a frente e convenceu 400 outras jovens mulheres trabalhadoras a apoiar e convocar uma greve de aluguéis. Já no final de dezembro, elas tinham agregado milhares de famílias; no ano novo, 10.000 famílias pararam de pagar, exigindo uma redução de 18-20% no aluguel. Depois de algumas semanas, por volta de 2000 famílias viram seus aluguéis serem reduzidos. Esse evento foi o começo de alguns anos de luta dos bairros e eventuais controles do Estado sobre o aluguel.

o exército da srta. barbour,
glasgow, 1915

Nos anos antecedentes a 1915, a cidade escocesa de Glasgow cresceu rapidamente com a industrialização nos tempos de guerra e com a imigração de famílias rurais. A classe de proprietários especulou imóveis, deixando 11% das casas vazias e não financiando novas construções, enquanto a classe trabalhadora encontrava-se cada vez mais em espaços lotados e deteriorantes. Organizações como o Conselho Escocês de Moradia e vários outros sindicatos trabalhistas passaram anos trabalhando para que reformas legais na área de moradia e aluguel fossem executadas; eles ganharam algumas novas leis, mas no geral, a situação continuava a piorar. Além disso, com a Primeira Guerra, os preços da comida subiram sem parar e muitos dos homens estavam no exterior. Os donos de propriedades tiraram vantagem, pensando que seria mais fácil explorar famílias pobres uma vez que os homens não estavam presentes. De agosto a setembro de 1913, havia 484 despejos em Glasgow. De janeiro a março de 1915, 6.441.

Na miséria, exploração e carnificina que perseguiram a classe trabalhadora, os donos de propriedades de Glasgow vislumbraram uma boa oportunidade. Em fevereiro de 1915, eles anunciaram um aumento de 25% no preço de todos os aluguéis. Imediatamente, no dia 16 de fevereiro, todas as mulheres pobres da parte sul do bairro Govan organizaram uma reunião. Compareceram as organizadoras da Associação de Mulheres por Moradia de Glasgow (GWAH), uma organização que havia se formado alguns anos antes, mas que tinha ainda pouca experiência. Na reunião, elas criaram a Associação de Mulheres por Moradia do Sul de Govan, afiliada à

GWHA. Elas decidiram não pagar o aumento, e no lugar continuar pagando a taxa anterior. Esta decisão se espalhou por todo o bairro.

A GWHA convocou um protesto para primeiro de maio, que atingiu o número de 20.000 participantes. Em junho, as mulheres de Govan venceram e os preços dos aluguéis foram mantidos. O movimento cresceu a partir daí. Em outubro, mais de 30.000 pessoas participaram em greves de aluguéis por toda a cidade. Eles ficaram conhecidos por exército da Srta. Barbour, batizado assim por causa de uma trabalhadora de Govan, Mary Barbour. Com o objetivo de espalhar e manter a greve, elas organizaram comícios e protestos e defenderam inquilinos contra o despejo e lutando fisicamente com a polícia. Os sindicatos ameaçaram a entrar em greve nas fábricas de armamentos; no final do ano, eles foram bem sucedidos em ganhar a suspensão de quaisquer punições aos grevistas, o congelamento e a manutenção dos preços dos aluguéis no pré-guerra, e a primeira lei de controle de aluguéis do Reino Unido – um importante passo para a questão da moradia social, que foi introduzida não muito tempo depois.

Desde o início, o movimento ganhou apoio de partidos de esquerda e outras formas de organizações que focavam em moradia, como a Federação Escocesa por Moradia Associadas, em contato com o Partido Socialista. Mas é importante notar que as mulheres criaram organizações autônomas ao invés de aderir a organizações tradicionais. Algumas, como Mary Burns Laird, a primeira presidente da GWHA, também participou de partidos políticos (O partido trabalhista, no caso de Laird), enquanto outras, como Srta. Barbour, não eram afiliadas a nenhum partido, criando seu próprio caminho para a luta. Em todo caso, a atividade da GWHA estava muito longe das formas políticas tradicionais de esquerda: as reuniões eram realizadas nas cozinhas, lavanderias, e nas ruas.

Em grande parte, a força por trás do acrônimo era a rede de solidariedade que as mulheres pobres já tinham estabelecido em suas rotinas de atividades de apoio mútuo.

comitê de defesa econômica,
barcelona, 1931

Em 1931, Barcelona tinha acabado de sair de uma ditadura. As pessoas aguardavam avidamente os benefícios que a democracia traria...e continuaram esperando. Barcelona havia se tornado a cidade mais cara da Europa, com o aluguel consumindo cerca de 30%-40% dos salários. (o cenário atual é parecido...ou até pior, mas dessa vez, a média das cidades europeias era de 15%). As condições eram abissais. Muitos que não podia pagar o aluguel de um lugar iam para “Casas de Dormir”, quartos em que podiam descansar em turnos das fábricas; muitas vezes, esses quartos não tinham sequer camas, apenas cordas onde os trabalhadores apoiavam os braços.

Uma greve de aluguéis rompeu em abril e os participantes demandavam uma redução de 40% dos aluguéis. A greve durou até dezembro, envolvendo entre 45.000 e 100.000 pessoas em toda a cidade. O *Comité de Defensa Económica* (CDE), fundada pelo sindicato dos construtores da CNT (*Confederación Nacional del Trabajo*), desempenhou um papel crucial na coordenação e na divulgação da greve.

Como muitas outras greves, essa foi caracterizada pela solidariedade entre os vizinhos-grevistas, que construíram barricadas e resistiram aos despejos juntos. Quando eles venceram, foram celebrar nas ruas; quando não, entravam nas

casas que foram despejadas e celebravam dentro delas. Os mesmos trabalhadores que cortavam a água e a eletricidade pela manhã voltavam à noite para restabelecê-las. Eles eram, claro, filiados ao CNT. Algumas vezes a polícia acabava jogando móveis pela janela ou então os destruindo, irritados por terem de retornar às casas reocupadas. Outras táticas incluíam o que hoje é conhecido por ‘escracho’, isto é, protestos na frente das casas de proprietários.

Obviamente a greve não surgiu do nada. Foi calcada em bases autônomas sólidas e redes de relacionamentos multifacetadas, laços que nasceram da vizinhança e da gentileza. O movimento também era próximo a cultura radical que a CNT vinha desenvolvendo desde a Primeira Guerra Mundial.

“Santiago Bilbao, organizador da CDE, enxerga a greve dos aluguéis como um ato importante de apoio econômico mútuo através do qual os inquilinos podiam contra atacar o poder de mercado e tomar controle sobre suas vidas diárias. O conselho do CDE aos trabalhadores foi: “Coma bem e se você não tiver dinheiro, não pague o aluguel!”. A CDE também exige que os desempregados sejam dispensados de pagar o aluguel. Contudo, embora a greve tenha se espalhado através de reuniões organizadas pela CDE, o movimento realmente veio das ruas, o que foi mais decisivo do que qualquer organização” (...). A greve dos aluguéis nasceu no bairro de Barceloneta onde há uma enorme consciência social, de ambas os pescadores e trabalhadores, cujas vidas são difíceis, e que trabalham na Maquinista Terrestre y Marítima, uma das empresas mais importantes na indústria de metais. Não é surpresa que essas insatisfações emergiram deste bairro histórico de pescadores próximo ao mediterrâneo, onde as casas dos pescadores ainda são conhecidas como ‘caixas de fósforo’. Elas eram casas de 15 a 20 metros quadrados em que famílias inteiras viviam, às vezes com parentes recém chegados na vila [...] É o Sindicato Único da Construção da CNT que vai mobilizar as demandas das

famílias de trabalhadores, que, pouco a pouco, irão se espalhar às margens da cidade e em cada bairro, a greve terá suas características próprias, suas próprias idiossincrasias e métodos de luta”.

(Aisa Pàmols, Manel, (2014) - A greve de aluguéis de alquileres e o comitê de defesa econômica” - Barcelona, abril-dezembro de 1931. Sindicato da Construção da CNT. Barcelona: El Lokal).

A greve foi efetivamente interrompida por meios severos de repressão, encabeçadas pelo governador Oriol Anguera de Sojo e o presidente da Associação de Proprietários, Joan Pich i Son, que também acabou com a insurreição de outubro de 1934. A nova república democrática não se diferenciava tanto da antiga ditadura uma vez que trouxe todo seu arsenal: a polícia, Guardia Civil (Guarda Civil), e a *Guardia de Asalto*, a nova polícia paramilitar. A Lei de Defesa da República foi instituída, uma lei ridícula que dava carta branca à repressão. Alguns foram presos como “prisioneiros políticos” e a CDE foi declarada uma organização criminosa.

Apesar de tudo isso, os protestos continuaram e acenderam as chamas da revolução que estava por vir.

Boa parte dos documentos originais da greve foram destruídos na guerra, talvez pelo medo inspirado por um exemplo de resistência proletária. Consequentemente, nós estamos perdendo uma porção de vozes de mulheres que desempenharam papéis centrais na greve. Organizações formais sempre tiveram mais peso histórico que espaços informais de organização, embora não haja dúvidas que o papel central da CNT foi um aspecto muito importante na greve. No entanto, o fato de que as táticas de greve fossem distintas de bairro para bairro nos diz que a greve não foi centralizada, mas dependia acima de tudo da iniciativa daqueles que nela se engajaram.

st. pancras,
londres, 1959-1960

St. Pancras, em Londres, era uma área basicamente de classe trabalhadora, com cerca de 8.000 pessoas vivendo em habitações sociais.

Em 1958, o distrito votou pelo aumento do aluguel nas moradias sociais. No final do mês de julho seguinte, depois que o partido conservador ganhou as eleições distritais, eles aumentaram os aluguéis mais uma vez, só que desta vez de forma mais dramática (entre 100% e 200%), e expulsaram os sindicatos (onde, anteriormente, trabalhadores do distrito tinham de ser membros). Até esse momento havia pouca organização no bairro, mas logo no início de agosto os inquilinos de um bairro distrital formaram uma associação. No final de agosto, já eram 25 associações como essas que haviam se formado e que tinham representantes no comitê central de uma nova organização, a Associação de Inquilinos Unidos (UTA). Don Cook já havia sido secretário de um das poucas (e pequenas) associações de inquilinos existentes antes de 1959.

Desde o começo, a maioria apoiava a ação direta e a greve de aluguéis, mas o Partido Trabalhista, que queria usar as reivindicações dos inquilinos para derrotar o Partido Conservador e obter o controle do distrito de volta, os desencorajou.

Em primeiro de setembro de 1959, uma marcha e uma reunião aconteceram envolvendo 4000 pessoas. Os participantes assumiram posicionamentos que incluíram a recusa de preencher a papelada para avaliar o novo aluguel de cada família e o pedido de solidariedade entre os sindicatos. Nos meses seguintes, os

inquilinos continuaram com suas convicções e, com o apoio dos sindicatos, criaram comitês em cada quarteirão, levando delegados para assembleias que muitas vezes chegavam a 200 ou mais participantes. Eles publicaram três boletins semanais a fim de disseminar a informação das lideranças para as bases. No final do ano, a UTA contava com 35 associações de inquilinos.

As mulheres protestavam a noite em frente as casas dos conselheiros distritais. Cada conselheiro era atacado duas vezes por semana. Eles perderam muitas noites de sono. Uma das poucas histórias da greve escritas por um participante (Dave Burn) reconhece que as mulheres “formavam a espinha dorsal do movimento, permanecendo ativas todos os dias e apoiando umas às outras”. Mesmo assim, a maior parte do relato de Brun foca em organizações formais, com delegados predominantemente homens.

O aumento do aluguel foi marcado para 4 de janeiro de 1960. A princípio, 80% dos inquilinos de moradias sociais não pagaram o aumento, apenas o aluguel passado. Depois de muitas ameaças e com a iminência do despejo do distrito, a participação na greve caiu a um quarto dos inquilinos, por volta de 2000. Em fevereiro, o partido trabalhista aconselhou a UTA a cancelar a greve para que eles pudessem negociar com os conservadores. A AIU se recusou: sem a greve, eles estariam completamente indefesos e inúmeras famílias já estavam enfrentando o processo de despejo.

A fim de concentrar suas forças, a UTA organizou o pagamento coletivo da maioria dos aluguéis em atraso para que eles não precisassem lutar contra tantos despejos ao mesmo tempo. Os primeiros casos foram julgados e três despejos foram marcados para o fim de agosto. Inquilinos começaram a organizar suas defesas, determinados em não permitir um único despejo das

habitações sociais. Em meio aos protestos, em julho, os líderes da UTA se reuniram com os conselheiros distritais – mas as negociações fracassaram, já que os Conservadores não queriam ouvir nada sobre os problemas dos moradores. A partir daquele momento a UTA começou uma greve geral dos inquilinos, e no meio de agosto, mais de 250 avisos de despejos foram comunicados.

Ao longo de agosto, até o dia 28, muitas barricadas foram erguidas; os inquilinos impediam que outros furassem a greve e instalaram um sistema de alarmes em todo o bairro, assim os trabalhadores poderiam sair e voltar para defender as casas uns dos outros. Quanto ao dia 14 de agosto, os números de avisos de despejos tinham subido para 514. O Partido Trabalhista e o Partido Comunista temiam a crescente tensão e pediram pelo fim da greve, mas era tarde demais.

Na manhã de 22 de setembro, 22.800 policiais atacaram. Seguiu-se um confronto de duas horas em que um policial foi seriamente ferido. A polícia conseguiu despejar duas casas, mas em um quarteirão os confrontos continuaram até a tarde. Por volta de 300 trabalhadores locais vieram para defender a greve – mas os sindicatos trabalhistas não ofereceram nenhum apoio. À tarde, 1.000 policiais atacaram a marcha de 14.000 inquilinos. Os confrontos continuaram. O líder do conselho distrital garantiu que ele estava pronto para se encontrar com os representantes da AIU. No dia seguinte, o Ministro do Interior declarou a proibição de todas as reuniões e manifestações.

Por causa do escândalo político que os protestos tinham causado, o Partido Trabalhista abandonou os inquilinos e começaram a denunciar os “agitadores” e “radicais”. Eles alegavam que havia o envolvimento de agitadores de fora e insistiram que o conflito deveria se resolver através do diálogo – apesar de que

durante todo o ano os Conservadores do distrito quase sempre negaram a possibilidade de diálogo. Enquanto isso, depois de negociações, os Conservadores aprovaram uma pequena redução no aluguel.

Sob ataque tanto vindo da esquerda quanto da direita e enfrentando ameaças diárias de novos despejos, a UTA decidiu mudar suas estratégias para evitar mais despejos. Eles pagaram os aluguéis atrasados dos vizinhos que corriam o maior risco e decidiram apoiar o Partido Trabalhista para remover os Conservadores nas próximas eleições. Em maio de 1961, o Partido Trabalhista ganhou as eleições do conselho distrital, 51 conselheiros contra 19. Vários delegados da UTA tinham ocupado postos e as principais reivindicações de seus mandatos foram a reforma dos aluguéis.

Os inquilinos aguardaram a reforma do plano dos aluguéis nas habitações sociais...e esperaram...e esperaram. Dois moradores que haviam sido despejados mudaram-se para novas casas, mas, depois de alguns meses, os conselheiros Trabalhistas anunciaram que a reforma dos aluguéis não seria possível. A greve havia fracassado.

autoriduzione,
itália, 1970s

Os anos 60 e 70 foram uma época de crescente precariedade em questões trabalhista e de habitações na Itália e também um momento no qual as pessoas sonhavam por mundo sem exploração e ousaram construí-lo. Em 1974, contando com a neutralidade do Partido Comunista, os tecnocratas visionários dos

setores industriais e financeiros elaboraram o Plano Carli. Esse plano pretendia aumentar a exploração do trabalho e reduzir o gasto público. Ao longo dos anos 60, um forte movimento de trabalhadores autônomos na Itália tinha influenciado o nascimento de um movimento autônomo nos bairros baseado em comitês de bairro autogeridos no qual as mulheres desempenhavam um papel crucial. Interessados em práticas imediatas de sobrevivência, esses comitês organizaram “auto-reduções” em que os inquilinos e vizinhos decidiam por si mesmos abaixar o preço dos serviços – pagando, por exemplo, o 50% do preço da água e eletricidade.

Em Turim o movimento avançou consideravelmente no verão de 74. Quando as empresas de transporte público decidiram aumentar as tarifas, a resposta foi imediata. Participantes impediram espontaneamente a circulação de ônibus em vários pontos, distribuíram panfletos e enviaram delegados à cidade. A partir daí, os principais sindicatos militantes começaram a organizar uma resposta popular: iriam imprimir as passagens eles mesmos e voluntários iriam entregar nos ônibus, cobrando os preços anteriores. Através da força coletiva, eles obrigaram as companhias a aceitar a situação.

As reduções autoimpostas nos pagamentos da eletricidade se espalharam rapidamente e foram organizadas em duas fases: primeiro, coletando assinaturas que se comprometiam a participar da auto-redução, em ambas as fábricas e bairros; segundo, trabalhadores nas portas dos correios, beneficiando-se de informações vazadas das utilidades de sindicatos públicos, informavam-se sobre o local onde as contas eram enviadas. Depois de algumas semanas, 150.000 famílias em Turim e da região de Piedmont estavam participando.

As auto-reduções eram fortes em Turim porque os sindicatos regionais eram autônomos dos comitês nacionais, controlados pelo Partido Comunista, que assegurava que todas as iniciativas de ação direta contra o aumento de preços fossem impedidas. Por isso, em Turim, os sindicatos trabalhistas podiam estender suas influências e apoiar iniciativas espontâneas e aquelas vindas de comitês de bairro, enquanto em cidades como Milão, os sindicatos não apoiavam essas iniciativas, assim como em Nápoles, onde sequer havia sindicatos. Em algumas cidades, como Palermo, estudantes e jovens conquistaram auto-reduções através de ações ilegais.

O movimento estendeu as auto-reduções aos aluguéis, visando que o aluguel não correspondesse a 10% do salário das famílias. Várias táticas foram empregadas desde esforços de pequenos grupos a iniciativas de comitês de bairro amparadas pelos sindicatos mais radicais. Na primeira metade dos anos 70, participantes entraram em 20.000 casas, bloqueando a lógica comercial de aluguéis temporariamente. Houve também greve de inquilinos em Roma, Milão e Turim. O movimento feminista teve grande influência como parte desses esforços. Nesse contexto, as mulheres desenvolveram teorias de exploração em três bases (dos chefes, dos maridos e do estado) além do trabalho doméstico, que continuam sendo questões essenciais atualmente.

soweto,
áfrica do sul,
década de 1980

Soweto é uma área urbana de Joanesburgo com grande densidade populacional. Nos anos 80, havia 2,5 milhões de

habitantes. Nas últimas décadas do Apartheid, os moradores de Soweto viveram em condições de extrema pobreza e exclusão social. Em 1976, tais precariedades levaram a um levante em Soweto com uma série de poderosos protestos; a invasão da polícia causou dezenas de mortes. As condições materiais da área começaram a melhorar, mas graças aos esforços contínuos dos moradores.

A situação das moradias era apavorante. As casas eram de baixa qualidade, não higiênicas e desordenadas. Os aluguéis e serviços acumularam-se a um terço do salário médio dos residentes, além disso a taxa de desemprego crescia desenfreadamente. No dia primeiro de junho de 1986, quando houve rumores de um aumento no preço dos aluguéis, milhares de moradores de Soweto pararam de pagar o aluguel e os serviços da prefeitura de Soweto. A prefeitura tentou suspender a greve com despejos, mas os vizinhos resistiram fisicamente. No final de agosto, a polícia atirou em uma multidão que resistia a um despejo, matando mais de 20 pessoas. A indignação e raiva se intensificaram e as autoridades tiveram de suspender os despejos.

No começo de 88, as autoridades declaram estado de emergência para tentar impedir o levante de resistência negra em todo país. O único ponto que não conseguiram extinguir foi a greve de inquilinos de Soweto. No meio do ano, as greves continuaram e as autoridades cortaram a eletricidade de quase toda a área como meio de pressionar pelo fim da greve.

A imprensa declarava que a greve era inexistente, apenas sustentada pela violência de jovens militantes. A realidade mostrou-se diferente: apesar de 30 meses de estado de emergência que paralisou muitas das atividades do movimento anti-apartheid, a maioria dos moradores continuou a apoiar a

greve. No fim, as autoridades reconheceram que tinham perdido completamente o controle. Em dezembro de 89, eles dispensaram todos os aluguéis atrasados – uma perda de mais de 100 milhões – interromperam os despejos definitivamente e, em pelo menos 50.000 casos, cederam a propriedade das casas aos seus respectivos locatários.

Antes dessa greve, o movimento anti-apartheid já havia utilizado greves de aluguéis como tática em protestos contra o governo para que a população toda se familiarizasse com eles; as mobilizações e organizações haviam se estendido para práticas solidárias. Mas a primeira grande greve de aluguéis começou em setembro de 84 em Lekoa como resposta imediata de vizinhos contra um aumento nos aluguéis; a organização mais envolvida foi a Associação Cívica de Vaal, sendo Vaal uma região local. Esta foi provavelmente a fonte da tática de greve de aluguéis que o Congresso Nacional Africano (CNA) dentre outras organizações sequencialmente começou a utilizar.

De forma similar, a greve de aluguéis em Soweto emergiu do próprio bairro como defesa imediata às condições e imperativos de sobrevivência. É um exemplo clássico de redes informais de bairros que são a chave de organizações grevistas, com estruturas formais criadas quando forem necessárias uma vez iniciada a greve. Apesar de serem excluídas de algumas organizações formais, as mulheres foram essenciais na organização e manutenção das redes comunitárias.

boyle heights mariachis,
los angeles, 2017

Em uma ação racista de gentrificação, um proprietário aumentou os custos de aluguéis entre 60-80% em um pequeno número de apartamentos de um prédio perto do Mariachi Plaza, no bairro de Boyle Heights na cidade de Los Angeles. Metade dos inquilinos imediatamente formou uma coalizão (incluindo aqueles que não foram afetados diretamente com o aumento do aluguel) e exigiram o diálogo com o dono. Quando o proprietário tentou tratá-los separadamente, a coalizão começou uma guerra de aluguéis. Em seguida, a União de Inquilinos de Los Angeles (LATU) começou a apoiar a greve, ajudando a mobilizar e assegurar recursos legais.

Depois de nove meses, eles receberam um aumento de 14%, um contrato de três anos (muito raro nos Estados Unidos), o cancelamento de qualquer penalidade por não pagamento e o direito de negociar contratos coletivamente depois de três anos.

burlington united,
los angeles, 2018

Uma greve teve início em três prédios do mesmo proprietário na Av. Burlington, no bairro latino, em Los Angeles, afetado por uma gentrificação rápida, que fez o número de desabrigados subir exponencialmente. Quando o proprietário aumentou os aluguéis dos locatários entre 25 e 50%, 36 dos 192 apartamentos entraram em greve de aluguéis; as péssimas condições dos prédios também foram alvo de reclamações dos inquilinos. Na segunda semana, um total de 85 apartamentos entraram em greve, quase a metade. Os moradores se organizaram com uma declaração de greve. Logo

depois, a União de Inquilinos de Los Angeles (UILA) local e uma organização ativista de defesa legal de um bairro vizinho deram assistência aos grevistas.

A ajuda jurídica dividiu os moradores ao longo do processo penal. Metade dos apartamentos venceram seus processos, os outros foram forçados a sair.

parkdale,
toronto, 2017-2018

Em 2017, os inquilinos, que ocupavam 300 apartamentos em vários prédios cujo dono era o mesmo, entraram em uma greve bem sucedida no bairro de Parkdale, em Toronto. O bairro estava passando por um processo de gentrificação intenso e a agência imobiliária em questão já tinha uma má reputação entre seus inquilinos de apartamentos em condições ruins e que tentava expulsá-los via aumentos de preço.

Quando a imobiliária tentou aumentar os aluguéis, alguns vizinhos decidiram anunciar a greve; outros se juntaram, se organizando em uma assembleia. Outro elemento importante nesse contexto foi a participação da Parkdale Organizada, uma organização de inquilinos de outro bairro que já haviam se envolvido em outras lutas em 2015. A Parkdale Organizada ajudou na mobilização da greve, batendo nas portas dos afetados, oferecendo recursos e compartilhando modos de resistência. Depois de três meses eles conseguiram impedir o aumento dos aluguéis.

Inspirados por esse exemplo, inquilinos de um outro prédio grande, com 189 apartamentos, começaram uma greve no ano seguinte. Quando a imobiliária decretou um aumento severo nos aluguéis, os inquilinos de 55 apartamentos organizaram uma

assembleia e entraram em greve. Depois de dois meses em greve, eles foram atendidos em suas demandas e o dono cancelou os aumentos.

características comuns

A maioria das greves começaram pela iniciativa de mulheres; em todos os casos, elas desempenharam um papel importante. As greves sempre ocorreram em contextos em que os inquilinos passavam por condições parecidas: o aluguel que toma grande parte dos salários; o perigo de perderem suas casas e uma onda de indignação causada por condições de saúde precárias, contextos como o colonialismo Inglês (como na greve de Roscommon), ou em reformas que favorecem uns e prejudicam outros. Quase sempre existe uma centelha: frequentemente, o aumento nos preços ou o declínio das oportunidades econômicas dos inquilinos.

Geralmente, as greves começaram espontaneamente, o que não significa que elas aconteceram do nada, mas que resultaram – em contextos favoráveis – de iniciativas de vizinhos, implementadas via assembleias ou por redes efetivas de bairros. Partindo deste ponto, elas criaram suas próprias organizações ou receberam apoio de organizações já existentes. Em outros casos, uma organização formal existe desde o começo da greve, mas eram organizações bastante pequenas criadas por locatários, não por grandes organizações sindicais ou partidos. Encontramos apenas um caso em que uma greve de aluguéis foi convocada por uma grande organização – em Barcelona, 1931.

No que diz respeito as chances de vitória, é imprescindível que a greve se alastre o máximo possível, mas não é necessário que

envolva uma maioria. As greves venceram com a participação de um quarto ou um terço dos inquilinos que estão sujeitos ao mesmo proprietário. Nos casos de greves realizadas em um determinado território e não endereçadas a um dono em particular, desde que interrompam suficientemente a normalidade, elas podem provocar uma crise no governo, saturando o sistema legal, mesmo tendo a participação de uma proporção bem menor do total de habitantes de uma cidade. A determinação em continuar firmes e serem solidários ao invés de buscar soluções individuais é mais relevante que o número de pessoas em greve.

Outro fator, talvez o mais importante, seja o contexto. Quais são os aparatos do Estado para repressão? É melhor para o governo esmagar a desobediência, ou evitar conflito e restaurar a sua imagem?

condições atuais:
mais do que adequadas

Como vimos, certas condições são necessárias para que uma greve de aluguéis se alastre pela população: precariedade que torna impossível para mais e mais pessoas terem acesso a moradia e um certo senso de que as coisas estão indo muito mal. Essas condições existem atualmente?

Cada vez mais o grande fundo internacional de investimentos está financiando a pobreza ao redor do mundo e aumentando os aluguéis a níveis recordes. Enquanto eles dominam o mercado imobiliário, o preço que as pessoas têm de pagar por acesso é absurdamente alto.

Por exemplo, na Espanha, o preço de aluguéis por moradia atingiu um patamar histórico e teve seu ápice em fevereiro de 2020

(o último mês em que estes números estavam disponíveis no momento em que este texto foi escrito) com 11,10 Euros por metro quadrado, um aumento de 5,6% em relação a fevereiro de 2019. As cidades com os preços mais elevados são Madri (15 euros) e Catalunha (14,50 euros). Em Madri o preço é de 16,3 euros por metro quadrado, um crescimento de 3,5% e em Barcelona, 16,8 euros por metro quadrado, um aumento de 3,7%. No entanto, todas as cidades turísticas sofreram aumentos similares. Entre 2014 e 2019, o preço médio de aluguéis na Espanha subiu 50%, extrapolando seu maior pico desde a crise de 2008

No mesmo período, a média salarial na Espanha não sofreu reajuste nem de 3%. Isso mesmo: 50% de aumento em custos de habitação e 3% de ajuste salarial. Mas o cálculo da média salarial inclui a classe trabalhadora e os milionários, sendo que os últimos não precisam pagar aluguel. Se nos referirmos ao salário médio ou o salário da maioria das pessoas (quer dizer, o salário recebido pelas massas de trabalhadores), notamos que ele subiu muito menos e que tem ainda decaído em alguns poucos anos. Em resumo: existem agora um número enorme de pessoas que não podem ter acesso a moradia. Nós já acompanhávamos esta situação muito antes da pandemia do coronavírus.

A falta de acesso a moradia também aparece nas estatísticas. Em 2018, houve mais de 59.000 despejos na Espanha, com um crescente despejo por não pagamento de aluguéis. Em 2019, houve mais 54.000, 70% pela Lei Urbana de Aluguéis. Em ambos os casos, as cidades de Catalunha e Andaluzia lideraram os números de despejos. A diferença entre 2018 e 2019 é explicado pela resistência a despejos que surgiu em todos os lugares e pela onda de menos execuções de hipoteca a cada ano, já que poucas pessoas conseguem uma hipoteca e os bancos estão mais dispostos a

negociar depois das explosões de atos de resistência nos últimos 12 anos. Entre 2017 e 2019, o número de desabrigados em Madri cresceu 25%, oficialmente atingindo 2583 pessoas, embora outros especialistas digam que deve haver, na verdade, por volta de 3000 pessoas. Existe a estimativa que 40.000 estejam em situação de rua na Espanha (nos Estados Unidos, o número de moradores de rua só em Los Angeles ultrapassa esse número).

A pandemia do coronavírus apenas exacerba a questão. Muitas pessoas perderam seus empregos; não é surpresa que as medidas emergenciais dos governos tem estão muito mais preocupadas com o poderio bélico e reforço policial, em proteger instituições financeiras, empresários e hipotecários, e deixam portanto as pessoas em situações precárias desprotegidas – locatários, imigrantes, e os moradores de rua. Por outro lado, tem sido um momento em que iniciativas de solidárias tem se espalhado na velocidade da luz, com os *cacerolazos* (panelaços) nas janelas e sacadas e uma rápida expansão de reivindicações sociais, apesar do estado de sítio imposto pelo governo.

Em resumo, não só é o momento certo para uma greve de aluguéis, mas é preciso mais que nunca organizar tais iniciativas *imediatamente*. Se este não é o momento – taxas recorde nos preços dos aluguéis, uma pandemia, e disseminação de iniciativas sociais – talvez não haja nenhum outro momento tão adequado para uma greve de aluguéis?

preocupações dos
participantes da greve

É compreensível que os arrendatários que sejam favoráveis a greve tenham muitas dúvidas.

preocupações práticas e legais

As primeiras dúvidas surgem, inicialmente, pela falta de familiaridade com greves de aluguéis: pelo que sabemos, não houve nenhuma greve de aluguéis na Espanha desde 1931 – nem no Brasil na história recente. Como funciona? Quais são meus direitos e as possíveis represálias eu receberei caso pare de pagar o aluguel?

Resumindo, você só precisa de duas coisas para aderir à greve de aluguéis: pare de pagar o aluguel e avise outras pessoas. Você pode falar ao proprietário que não pagará o aluguel ou não. Comunicar pode fazer com que a greve se torne mais forte, mas no caso de que muitos inquilinos venham a participar, isso por si só vai passar a mensagem. A União de Inquilinos da Gran Canaria tem uma cópia de um formulário que você pode enviar ao proprietário.

O segundo passo é muito importante: informar a outras pessoas que você está participando da greve de aluguéis. Quanto mais pessoas participarem, mais seguro será para cada uma. Conversar com seus vizinhos é a melhor maneira de encorajá-los a se juntar à greve. É também muito crucial falar sobre a greve com possíveis redes que possam providenciar ações solidárias no seu bairro. Podem ser associações de bairro, sindicatos de habitação ou de inquilinos, ou mesmo redes de solidariedade baseadas em sindicatos de trabalhadores. Se eles souberem mais ou menos quantas pessoas estão em greve, serão capazes de distribuir informações e recursos e ajudar a organizar uma defesa coletiva no caso de processos de despejo. Lembre-se: juntos somos mais fortes.

Quanto as consequências legais, se você parar de pagar o aluguel, o proprietário pode iniciar um processo de despejo para te expulsar do seu apartamento. Mas em muitos casos, quando um número relevante de inquilinos de um mesmo proprietário para de pagar aluguel, o proprietário é levado a chegar em um acordo que inclua a redução do preço. Em uma situação de crise geral como a que estamos vivendo, é muito possível que o Estado vá intervir impedindo os despejos caso muitas pessoas entrem em greve¹⁸.

aspectos
emocionais

O aspecto emocional é fundamental em uma greve de aluguéis. Casas em situação precária existem em todos os lugares, todos os dias. É elemento essencial da faísca de uma greve de aluguéis é a coragem daqueles que dizem “Chega!” e decidem enfrentar riscos, que tomam a iniciativa. É um pouco paradoxal: se todos se impõem, a vitória é quase certa e há pouco risco. Mas se todos hesitam, sem a segurança do grupo, os poucos que se levantam podem perder suas casas.

No entanto, certamente estamos com a vantagem agora. Milhões de pessoas de bairros humildes estão na mesma situação – e nós sabemos que estamos nessa. Não existem “poucos” que estão correndo risco, porque já existem milhares que perderam seus empregos, e não conseguirão pagar os aluguéis, e esse número apenas irá aumentar. Se sofrermos em silêncio, talvez não

¹⁸ Você pode acessar mais informações sobre direitos legais (no estado espanhol) em <https://suspensionalquiler.org> e <https://anarquistasgc.noblogs.org/post/2020/03/23/convocatoria-de-huelga-de-alquiler-1-a/>

nos arrisquemos mais., mas perderemos por igual nossas casas. Se levantarmos nossas vozes e coletivizarmos os esforços, temos tudo a ganhar e nada a perder. A pequena parcela um pouco privilegiada de pessoas – aqueles que pode sobreviver um mês, dois meses, três meses sem receber, ou aqueles que foram mantidos em seus empregos – também têm muito a ganhar caso se juntem as milhares de pessoas que não tem outro jeito, porque nenhum de nós sabe quanto tempo a quarentena vai durar ou quanto tempo a crise econômica irá perdurar. Independente da pandemia, na maior parte das cidades da Espanha, nós já estávamos perdendo acesso a moradia. Se a normalidade voltar...então o turismo retornará junto com o Airbnb, a gentrificação e a intolerável pressão do contínuo aumento do aluguel.

Temos também outra vantagem ao nosso lado: durante o estado de emergência, os tribunais estão suspensos. Algumas cidades já adiaram muitos despejos e outros municípios não vão poder lidar com eles de jeito nenhum, ou então muito lentamente.

Não poderia haver uma época melhor para começar uma greve de aluguéis. A única coisa necessária é fazer com que nossas vozes sejam ouvidas e coletivizar a situação que estamos vivenciando.

organizações especializadas na luta por moradia

Organizações sociais têm um papel importante em uma greve de aluguéis. Elas podem convocar uma, apoiá-la – ou até prejudicá-la. Quais são as características de uma relação forte e efetiva entre o movimento por habitação e as organizações?

Primeiro, precisamos reconhecer a realidade dos movimentos por habitação. O movimento engloba todos que sofrem com condições precárias de habitação ou daqueles que correm perigo de perdê-la. Elas, as pessoas precarizadas, são aquelas que têm tudo a perder e tudo a ganhar; eles quem tem de tomar a iniciativa e convocar uma greve de aluguéis ou outros atos de resistência.

A organização é a forma estratégica mais importante em uma greve de aluguéis, mas não é necessária nenhuma organização específica que seja essencial. Uma organização que já é muito forte pode convocar a greve, como em Barcelona em 1931. Mas se os vizinhos precisarem entrar em greve, eles mesmo podem convocar a greve e criar organizações que eles julguem necessárias e coordenar suas ações. Mesmo quando há organizações especializadas em habitação, se eles não entrarem em contato com as demandas imediatas, os moradores irão ignorá-la e criar suas próprias organizações. E no mais desafortunado dos casos em que uma organização se considere dona do movimento e tente liderá-lo de acordo com suas próprias políticas que não as reivindicações dos moradores, como aconteceu na greve de St. Pancras, Londres, 1960, ela terminará por sabotar a greve e prejudicar os moradores.

O fato de a vasta maioria de greves de aluguéis terem sido organizados por mulheres reflete esta dinâmica: as organizações formais de esquerda surgiram grandemente apoiadas em uma lógica patriarcal que coloca os “interesses dos partidos” a frente das necessidades humanas que afetam as pessoas. Por esta razão, as mulheres frequentemente se organizam suas próprias estruturas, dentre outras coisas, com suas próprias redes de comunicação e seus métodos, sem estarem ligadas a nenhuma grande organização que já exista.

Um relacionamento efetivo e forte com os movimentos por moradia e outras organizações sociais podem ser baseadas nos seguintes princípios:

1. As organizações sociais respondem às necessidades dos moradores. Elas podem auxiliar na formulação de estratégias, mas não devem se negar a ver a realidade e inclinações dos residentes.

2. As organizações existem para apoiar os moradores, não para guiá-los. Se a organização decidir que a liderança deles é essencial, os moradores muito provavelmente terão de criar suas próprias organizações.

3. As principais estruturas que as organizações podem oferecer são o apoio psicosocial e defensivo. Ao que se refere o primeiro, a organização ajuda os moradores a não sentirem que estão sós – que juntos são forte e podem vencer. Nesse sentido, o essencial é confortar as pessoas e não as desencorajar ou demonstrar medo ou falta de prudência. Quanto ao segundo, essa é a atividade de coordenar a resistência física a despejos e a reunião de aparatos legais para em caso de processos jurídicos. Sem esta ação, os grevistas perderam as casas um por um.

4. Por outro lado, quais são as características de uma relação contra produtiva entre organizações sociais e o movimento por habitação?

5. **Ativismo especialista.** É admirável quando as pessoas dedicam suas vidas em solidariedade às causas por dignidade e liberdade. Mas dinâmicas problemáticas surgem se a especialização é derivada de uma abordagem que gera distância entre aqueles que são “experts” e as pessoas “normais”. Na luta por moradia, os ativistas podem estar mais

atentos às perspectivas de outros ativistas “organizados” e militantes que sobre o que está acontecendo de fato aos moradores e aqueles que vivem em condições precárias.

6. Conseqüentemente, eles priorizam os interesses da organização (afiliando mais membros, aparecendo na imprensa, ganhando status através das negociações com as autoridades), quando na verdade os interesses dos moradores deveriam sempre vir em primeiro lugar (ter acesso a moradia decente e estável). Esta alienação entre ativistas e vizinhos se manifesta como falsa prudência. É verdade que uma greve de aluguéis é uma luta difícil. Não é algo fácil de se propor. No entanto, tomar um posicionamento conservador diante da situação parece-nos perigoso – mas é inegável que no meio desta crise atualmente, o perigo já está aqui. Este mês, dezenas de milhares de pessoas não poderão pagar o aluguel, sem conta as outras tantas que já vivem nas ruas em situação de absoluta vulnerabilidade.

7. O problema do ativismo especialista é substancialmente grande dentro as classes economicamente privilegiadas. É maravilhoso quando pessoas vindas de famílias financeiramente estruturadas resolvem lutar lado a lado em favor das pessoas em vulnerabilidade social. Mas é totalmente inaceitável que essas pessoas tentem determinar quais são as prioridades ou definir o rumo das lutas. Como em todos os casos em que existem privilegiados, estes devem ser transparentes com os companheiros e honestos consigo mesmos para apoiar as lutas das pessoas e não tentar liderá-las.

8. Pequena escala ou visão fragmentada. É compreensível que as pessoas que passaram muito tempo lutado por moradia se sintam abaladas ou em dúvida sobre uma convocação geral para uma greve de aluguéis. Realmente, seria

problemático se eles *não* se sentissem assim. Faz mais ou menos um século desde que presenciamos uma greve de aluguéis nesta escala. Mas nós devemos levar em conta que faz um século desde que o capitalismo sofreu uma crise tão intensa quanto essa que está em curso agora – e a greve de aluguéis continua sendo uma ferramenta eficiente. Saber que inquilinos e organizações que tem participado em greves de aluguéis nos últimos três anos em Toronto e em Los Angeles estão apoiando o chamado internacional de greve, deveria nos trazer um pouco de paz de espírito.

9. Em relação aos perigos em dividir as lutas, consideramos totalmente inaceitável que não leve em conta as necessidades dos moradores de rua e aqueles que não tem documentos. Embora seja legítimo que muitas organizações busquem mudanças de curto prazo em um campo mais especializado, eles não devem contribuir para a fragmentação das lutas, minando as possibilidades de solidariedade. É uma tática do Estado oferecer soluções para as pessoas com hipotecas, mas nada aos inquilinos. Não deveríamos reproduzir esta lógica, mesmo que tenhamos boas intenções. Assim, todas as convocações devem apoiar a suspensão de despejos e legitimar a prática de ocupação de casas vazias, ou pelo menos estar em contato com convocações que o fazem.

10. A dicotomia Reforma/Revolução. Para falar francamente, é uma ilusão pensar que é possível vencer uma revolução e abolir todas as estruturas opressivas de um dia para o outro: revoluções consistem em um longo caminho luta após luta. É também um erro acreditar que é possível adquirir reformas reais sem gerar uma força que ameace o Estado: os Estados mantêm o controle social e o bem-estar da economia e

não protegem aqueles que são dispensáveis as suas causas. Quase todas as reformas realmente benéficas foram obtidas por movimentos revolucionários, e não por movimentos reformistas.

11. Há muitos debates sobre a relação entre o Estado e os movimentos políticos, táticas e estratégias. Mas somos mais fortes quando trabalhamos juntos – quando todos que estão engajados em pequenos ganhos urgentes junto com outros que trabalham contra as fontes da exploração e concentram seus olhares em um horizonte em que a exploração não exista mais. No final do dia, nossas lutas consistem em um ecossistema. Jamais convenceremos o mundo todo a pensar como nós, nem iremos dominar todos os movimentos sociais. Nós deveríamos cultivar relacionamentos saudáveis baseados na solidariedade entre partes diferentes de uma mesma luta, partilhando sempre que possível – e quando não for possível, permitindo que cada um continue mais ou menos em um caminho paralelo. Para que a solidariedade possa funcionar, é necessário respeito ao trabalho imediato em que algumas pessoas se focam e ao mesmo tempo não denunciar nenhum grupo alegando “radicalismo” para a imprensa ou para a polícia.

12. É fácil para alguém que gasta metade de seu salário em aluguel estar contente com uma lei que coloque um teto nos aluguéis; para alguém que não possa pagar um plano de saúde que exista o serviço de saúde público; para alguém que vive em um lugar por ocupação receba com alívio a notícia de que há a suspensão de despejos; para alguém que é imigrante receber proteção legal contra a deportação. Quem não vivencia nenhuma destas situações deve ter empatia para com esses que passam por isso muito antes de solidificar suas ideias políticas.

13. Ao mesmo tempo, muitos de nós vivenciaram precariedades não escolheram criar uma identidade a partir disso. Precisamos chegar as raízes do problema. A saúde pública e os aluguéis sob controle é algo ótimo, mas reformas legais e “públicas” que sejam boas o suficiente não podem asseguradas, uma vez que matem o poder sob elas é o Estado, logo não farão nada por nós se o Estado decidir que é inconveniente manter o que ele nos concedeu anteriormente. Por que esta pandemia resultou nesta crise tão grave? Porque o Estado vem continuamente reduzindo a qualidade dos serviços públicos de saúde. Por que os aluguéis subiram tanto? Porque o Estado passou a Lei do Aluguel Urbano, levando com ela os amparos ganhos por outras gerações.

14. Medidas de curto-prazo são necessárias, mas são igualmente necessárias as perspectivas revolucionárias, ao menos para quem que seja que não queira passar o resto da vida lutando por migalhas, a mera sobrevivência.

algumas conclusões

O Capitalismo é global. Os Estados se apoiam a níveis globais. A revolução em um só lugar não é possível, pelo menos não por um período prolongado. Uma visão internacionalista é essencial neste tempo de pandemia, xenofobia, fronteiras e corporações transnacionais. Na Espanha, o internacionalismo tem estado fraco ultimamente. Na América Latina, houve protestos e revoltas por transporte público, houve golpes de extrema direita, houve meses e meses de luta e muitas mortes. Na Espanha, nem um chiado. Em Hong Kong, houve quase um ano de protestos contra medidas

autoritárias. Na Espanha, houve silêncio. Ao longo de 2019, do outro lado do Pirineus, os coletes amarelos estavam lutando contra medidas de austeridade. Quantos protestos aconteceram na Espanha em solidariedade a estes levantes?

Movimentos por liberdade e dignidade e contra a exploração devem ser mundiais. Agora estamos sofrendo com uma pandemia global – e os Estados mais fortes, da China aos Estados Unidos, estão lidando com apatia e incompetência mortais ou com um nível de totalitarismo de vigilância (drones, localização em tempo real de indivíduos, câmeras em todos os espaços públicos que utilizam reconhecimento facial). Na Espanha, nós percebemos uma soma de incompetência e autoritarismo policial.

A greve de aluguéis já está se espalhando pelos vários países neoliberais, onde um vasto número de pessoas corre o risco de perder suas casas. Não há dúvidas de que é essa a situação aqui na Espanha também. Se não somos capazes de internacionalizar nossas lutas agora, quando iremos?

pela solidariedade e dignidade,
contra a precarização.
#GrevedeAluguelJá

"É necessário que ninguém
viva por cima de nós
sugando nosso sangue
e nos negando o direito de viver"
(Virgínia Bolten)

sobre pandemias,
repressão e
apoio mútuo
assembleia anarquista autoconvocada
bahía de quintil (valparaíso)
território dominado
pelo estado chileno
tradução agência de notícias anarquistas

Negar a realidade sanitária do Covid-19 e a velocidade do avanço de seu contágio a nível mundial é tão absurdo como negar a evidente precariedade do sistema de saúde e o contexto de inexistente segurança social no qual a enfrentamos no território dominado pelo Estado do Chile. Com 20.000 pessoas, aproximadamente, morrendo anualmente em lista de espera e uma infraestrutura sanitária devastada pela privatização. Com condições laborais miseráveis, com trabalho precarizado e pensões de fome. Com 60% dos trabalhadores ganhando menos de 450 mil pesos, com 12 milhões de pessoas endividadas com o sistema financeiro, e com uma desigualdade brutal que se expressa em que 1% da população concentra um terço da riqueza total do território. Com esta realidade como cenário, estamos obrigados a enfrentar esta pandemia: a realidade dos povos e comunidades precarizadas e exploradas dos territórios em luta que nos levantamos massivamente desde 18 de outubro a denunciar nas ruas esta crua realidade e a criar e criativas instâncias de luta e organização.

Hoje, a pandemia do Covid-19 só vem nos dar mais argumentos e mais urgência às mudanças estruturais demandadas massivamente

nas ruas e assembleias: Vida digna aqui e agora. Que a prioridade seja a vida e os ecossistemas e não o capital e a propriedade.

O Estado não nos cuida nem o fará. Só sabe de cifras de mortes. Como anarquistas denunciemos e lutamos contra o Estado historicamente, entendendo-o só como a violência organizada e financiada dos poderosos, sua existência mesma atenta contra a organização livre e saudável das comunidades. Da mesma forma, o Covid-19 nos recorda algo que também ficou em evidência com a revolta: só temos a nós mesmos e a nossa capacidade comunitária e criativa para nos organizarmos e dar resposta às nossas necessidades vitais de maneira coletiva. Por outro lado, ficou brutalmente demonstrado o desprezo total que os ricos têm por nossas vidas, se tornou evidente uma vez mais o caráter de classe que tem o conflito social e foi demonstrado os que atuam em defesa da vida e os que só gestionam a morte: Aí estão, são eles!

Hoje, estamos atravessando uma vez mais, um estado de exceção constitucional que abre um novo período de incerteza e luta. Com um Estado que põe as medidas de controle social acima das medidas sanitárias, pondo os militares nas ruas como primeira resposta; que manda “lavar as mãos” quando em muitos territórios simplesmente não há água, pois os grandes empresários estão há anos saqueando-a; que manda “ficar em casa” depois de desalojar as famílias de acampamentos e tomadas de terrenos e deixá-las na rua; que manda a tantas a fecharem-se com seus agressores e potenciais feminicidas; que manda “manter a distância” quando tantos vivem apinhados em suas moradias sociais ou sub arrendadas; com um Estado, que em vez de socializar os leitos do sistema privado de saúde que tanto ganhou por anos, arrenda cômodos de hotéis e centros de eventos para os infectados em quarentena, entre outras medidas a favor do mercado e não da saúde pública e do cuidado da vida.

Este novo cenário que se abre nos encontra não só na precariedade à qual nos quer condenar o Estado, mas também nos encontra em meio do processo de luta mais importante desde décadas. Este processo que não se detêm, mas que claramente mudará de forma. Estamos em um cenário completamente novo e complexo. Vamos ter que recordar cada experiência de luta acumulada durante estes mais de 5 meses de revolta (e a de tantos anos). Vamos necessitar aprofundar as confianças e as redes criadas, as experiências de organização e contenção comunitária, tanto em saúde, abastecimento e em tudo o que se vá necessitando no andar desta emergência. Vamos ter que ser responsáveis e cuidar-nos, mas desconfiando sempre dos poderosos e seu discurso midiático do “isolamento social” como única possibilidade em sua gestão da crise política e sanitária em curso. Por que deveríamos confiar? Nos deram suficientes provas de que nos preferem mortos.

Vamos ter que ser criativos e audazes.

Vamos a ter que saber estar à altura das circunstâncias e seguir fortalecendo o tecido social que coletivamente vínhamos construindo junto às organizações nascidas ao calor da luta, apoiando os processos de maturação de gestão e controle territorial local por parte das comunidades organizadas, seguir potencializando a atenção sanitária autônoma e a coletivização dos saberes e cuidados, além dos exercícios práticos de autogestão e ação direta. Devemos imaginar e experimentar formas de cuidados mútuos com critérios não estatais nem patriarcais, formas e práticas que estejam envoltas em uma ética coletiva e uma política emancipadora que cresça desde baixo. Devemos mais que nunca estar unidos e lutar juntos contra o medo e pela defesa da vida digna para todos.

Como último elemento, nos parece imprescindível enviar um carinhoso abraço a todos os que se envolveram de maneira ativa e

cheios de convicção nas lutas empreendidas pelas comunidades e povos desde 18 de outubro até esta data. Entendemos e compartilhamos as dificuldades anímicas e emocionais que possam estar presentes em cada um de vocês nestes dias. A violência, as mortes, a tensão e a incerteza pela qual atravessamos, somado a este estranho período de refluxo na luta e a compreensível ansiedade que isto pode provocar, poderiam afetar diretamente nossa saúde mental e integridade. Por isso, o desejo de compartilhar este cálido abraço coletivo que atravesse as distâncias e dificuldades e chegue a todos e cada um de nossos companheiros em luta.

Não estamos sós. Estamos em todas as partes.

A luta segue...

Não nos mata a morte, nos mata o Estado e o Patriarcado.

Organização, autonomia e controle territorial comunitário.

a revolta desde a pandemia

texto anônimo

buenos aires

22 março 2020

introdução

Na sexta-feira passada, dia 20 de março, se decretou desde as 0h a quarentena total no território dominado pelo Estado argentino, depois de alguns meses vendo notícias que pareciam distantes e algumas últimas semanas de paranoia crescente entre os meios de comunicação a rede nacional do Presidente, finalmente a declararam, desatando um auge da fuga das classes medias altas para suas casas de veraneio, compras desmedidas em supermercados e um chamado a ficar em casa com menos de 4 horas de antecipação.

Embora o terreno tenha sido preparado com antecipação, frente a ausência absoluta de uma preparação econômica e social, como respondem as lógicas do Estado e do Capital, essa quarentena é executada por distintas forças armadas nas ruas, operando com maior ou menos impunidade dependendo das zonas mais ou menos ricas do país, com a instantânea aparição de vídeos em que as distintas policias avançam sobre as quebradas com metralhadoras e fuzis nas mãos, perseguindo de moto quem se encontra circulando e obrigando as pessoas a voltar correndo para suas casas. Uma senhora foi atropelada por um policial e uma longa lista de ações policiais desatada em um território próximo à militarização.

A mensagem de guerra, igual que na maioria dos países, foi lançada ao ar com a desculpa desta pandemia e entre algumas análises desafortunadas que tentam apontar uma conspiração global,

se evidencia que o vírus é o capitalismo e tal conspiração é somente uma doença desatada a níveis globais em sociedades baseadas na exploração e miséria, fica novamente a vista de todas as pessoas que a sociedade de classe acaba prejudicando as mesmas de sempre, as que seguem se expondo obrigadas a trabalhar e todas aquelas que não gozam da permissão (em uma economia baseada em 40% de trabalho informal) e devem permanecer presas vendo como aumentam suas dívidas e a saúde mental se deteriora, ou correr o risco de ser detida e torturada pelo Estado.

delação e meios de comunicação

A campanha de terror está sustentada com o constante bombardeio dos meios de comunicação nacionais, sendo provavelmente a ponta de lança da sociedade de controle, porque, embora a intimidação policial é tangível e evidente, ela se mantém por trás do a imagem de #fiqueemcasa, chegando a um momento no qual, sob a ideia de “responsabilidade”, se justifica abertamente a repressão desde a hipocrisia progressista, novamente o slogan se repete que “se você ficar em casa, nada te acontecerá”. O medo mudou de cor vermelha para verde e nos demonstra que a concepção de inimigo interno é independente do tempo e das formas, qualquer que seja a razão que possa gerar uma perturbação na ordem social, esta deve ser apaziguada com a prisão e a perseguição.

E sabendo que vivemos em uma sociedade carcerária, se torna explicitamente obscena a campanha emitida desde o poder para justificar a saída dos militares às ruas, ainda precisando de uma justificativa, a qual é aceita em grande medida por uma relevante parte da população que votou contente nas últimas eleições.

Nesse contexto de paranoia, a delação cidadã se torna recorrente. As mesmas pessoas que usavam suas camisetas com o lema “nunca mais” (referente aos militares; “militares nunca mais”) hoje chamam a polícia frente a qualquer movimento suspeito, espiam de suas janelas e até incriminam, de suas sacadas no centro da cidade, com megafone nas mãos. É lançada a campanha midiática “te cuida o Estado, não o Mercado”, reforçando o falso paradoxo imposto pelo kirchnerismo, quando justamente o que estão fazendo é proteger o mercado, ou seja, a propriedade privada, deixando evidente na falta de possibilidade de se realizar um teste de contágio e nos insumos na área da saúde, em contraposição ao altos gastos com o aparato repressivo. Ainda assim, as pessoas culpadas voltam a ser as vizinhas, aquelas que vivem em espaços superlotados e não tem possibilidade de fazer quarentena, exceto, obviamente, à custa de deliverys e demais trabalhadorxs, já que essas pessoas exploradas hoje funcionam como servas para quem goza de quarentenas privilegiadas pedindo sorvete e sushi a domicilio.

o decorrer
da quarentena

Segundo está anunciado, a quarentena duraria até 31 de março, ainda que comece a circular o discurso de que ela deve ser estendida, hipótese apoiada também pelas migalhas que o estado afirma que irá distribuir em breve para evitar qualquer desordem. Nesse contexto, podemos nos encorajar a pensar globalmente e começar a notar um ponto de inflexão: embora distintos territórios já sofreram uma extrema militarização durante longos anos, como o povo Mapuche, a Palestina, o Curdistão ou a Síria, neste caso a repressão é endossada em níveis mundiais contra um inimigo que não tem cara, que não é

humano e nem sequer visível. Todas as pessoas podem ser culpadas, como uma polícia do pensamento orwelliana e um panóptico individual onde cada uma vigia a outra como um possível agente inimigo.

Nas diferentes reflexões feitas por “intelectuais” do capital, encontramos, por exemplo, Slavoj Žizek, conhecido esquerdista, que em meio a todo seu linguajar acadêmico repetitivo, reivindica a implementação de uma “Rede global de Saúde”, como uma coordenação (para além da covid-19), que possa prevenir esses casos dotando de um poder maior cientistas da Organização Mundial da Saúde (OMS). Ao mesmo tempo, afirma que “o vírus é democrático, não distingue pessoas ricas de pobres”, explicitando justamente nessa distinção e identificando o vírus em questão como “um golpe ao capitalismo que poderia levar à reinvenção do comunismo”.

Lamentavelmente, tanto nessa análise como na de outro conhecido escritor, Byung Chul Han, se parte uma cúpula intelectual, sentada em uma cômoda academia totalmente afastada do passar dos dias, muito mais quando se trata da chamada América do Sul. Ainda assim, algumas palavras deste último soam mais frutíferas. Respondendo ao Žizek, diz que ele “afirma que o vírus deu um golpe mortal no capitalismo, e evoca um obscuro comunismo. Acredita, inclusive, que o vírus poderia fazer cair o regime chinês. Žizek se equivoca. Nada disso acontecerá. A China poderá vender agora seu Estado policial digital como um modelo de sucesso contra a pandemia. A China exibira a superioridade de seu sistema com ainda mais orgulho. E com a pandemia, o capitalismo continuará com ainda mais força. E os turistas seguirão pisoteando o planeta. O vírus não pode substituir a razão. É possível, inclusive, que o Estado policial digital ao estilo chinês chegue ao Ocidente. Como já disse Naomi Klein, o choque é um momento propício que permite estabelecer um novo sistema de governo. O estabelecimento do neoliberalismo também foi precedido

por crises que causaram grandes comoções. É o que ocorreu na Coreia ou na Grécia. Tomara que com a comoção causada pelo vírus um regime policial digital como o chinês não chegue à Europa. Se isso acontecer, como teme Giorgio Agamben, o estado de exceção passaria a ser a situação normal. Então o vírus teria conseguido o que nem sequer o terrorismo islâmico conseguiu totalmente”.

Fica evidente que, diante desta situação, o Capital está longe de balançar, alguns mercados e o mundo das finanças podem se perder na paranoia, mas não suas posições de poder. Logicamente uma sociedade baseada na autoridade e na dominação, primeiro buscarão nossa submissão ou nossa morte.

sempre buscando
a revolta

O mundo da distopia é sempre é e sempre foi este. Aqui estamos e a realidade sempre é mais implacável que nossos desejos. O que hoje é um vírus, que deve ser afrontado e contra o que temos de aprender a conviver, amanhã será algum desastre natural e a constante marcha da civilização. Esse é o panorama que textos como “Deserto”¹⁹ nos colocam há algum tempo e sempre batem em nossa cara antes que possamos acertar de onde vem o golpe de maneira coerente. No frenesi asfixiante do cotidiano pouco se pode fazer mais do que se informar e se convencer até que finalmente aqui estamos e será necessário enfrentar a situação, de qualquer maneira.

Esta é também uma oportunidade para estudar a ação das forças armadas, onde estão seus pontos de controle nas cidades, como funciona sua vigilância e repressão, e, portanto, quais possibilidades

¹⁹ Publicação anônima, originalmente em inglês e lançada com tradução para o português pela Subta e para o espanhol pela Ediciones L’anomia (N.T).

encontramos para agitar a revolta. Ao mesmo tempo, distintxs companheirxs editam propaganda e tentam formar laços comunitários em contraponto às lógicas policiais. Os pontos de ruptura e inflexão são também momentos nos quais é necessário tensionar nossas relações sociais, nunca de esconder-nos atrás de uma máscara misantrópica estúpida. Ao contrário, afrontar essa realidade é apontar as armas contra o Estado e não nos deixar apaziguar por seu aparato midiático, político e cidadão.

que a quarentena fortaleça
nossa ânsia de liberdade
e reafirme nossa negação
de toda autoridade!



faccaoficticia.noblogs.org